



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**



LUCIANO NEVES SOUZA

**TOMBENCI FÉ E RAZÃO: DE ILHÉUS A ITAPETINGA SABERES E
FAZERES DE UMA NAÇÃO DE CANDOMBLÉ ANGOLA**

**Jequié-BA
Fevereiro/2022**

LUCIANO NEVES SOUZA

**TOMBENCI FÉ E RAZÃO: DE ILHÉUS A ITAPETINGA SABERES E
FAZERES DE UMA NAÇÃO DE CANDOMBLÉ ANGOLA**

**Linha 1: Relações Étnicas, Memória e
Educação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar

Jequié-BA
Março/2022

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LUCIANO NEVES SOUZA


TOMBENCI FÉ E RAZÃO: DE ILHÉUS A ITAPETINGA, SABERES E FAZERES DE UMA NAÇÃO DE CANDOMBLÉ ANGOLA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade


Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

Aprovado em: 11 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)
Presidente da Banca/Orientador


Prof. Dr. José Valdir Jesus de Santana (UESB)
Examinador Interno


Profa. Dra. Jussara Tânia Silva Moreira (UESC)
Examinadora Externa

JEQUIÉ
maço 2022

S729t Souza, Luciano Neves.

Tombenci fé e razão: de Ilhéus a Itapetinga saberes e fazeres de uma nação de Candomblé Angola / Luciano Neves Souza.- Jequié, 2022. 95f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação do Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar).

1.Etnia 2. Bantu 3. Candomblé Tombenci 4. Indígena I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título.

CDD – 299.67

DEDICATÓRIA

Toda família Tombenci....

Aos meus Ancestrais que estão constantemente comigo.

Ao Caboclo Boiadeiro João de Una e o Caboclo Ubirajara.

As Pombagiras: Maria Padilha das Almas, Maria Mulambo e Cariapemba.

Ao Sagrado que habita em mim.

Dedico aos meus Mestres, Mãe - Maria Nina Brito Neves (*in memoriam*) e Pai- José Novais Souza.

AGRADECIMENTOS

“Agradecer, agradecer, agradecer a mercê que Deus me deu, eu vou agradecer a mercê que Deus me deu, todos os Santos, Mukixi, Orixás, Voduns e encantados são mandados por Zambi que é Deus,[...]”. Cantiga de Agradecimento.

Foi o sentimento de pertença, resgatado no período da minha graduação em Pedagogia/UESB, que me impulsionou a almejar o ingresso no Mestrado em Relações étnicas e Contemporaneidade. Trago comigo o pertencimento, conhecimento, desejo de continuar aprendendo, por tudo isso, gratidão aos meus amigos e familiares, ao meu orientador Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar, cuja sabedoria e paciência me conduziu nessa jornada, sempre disposto, solícito e atento as minhas dificuldades, ansiedade e preocupações, mas com muita calma e sapiência, trazia consigo as resoluções, a orientação e a palavra correta para cada momento. Meu agradecimento eterno a esse amigo, Professor, Doutor Itamar Pereira de Aguiar.

Meus sinceros agradecimentos à comunidade do Terreiro Tombenci Neto de Ilhéus-Bahia na pessoa da Matriarca Mameto Mukalê. A comunidade Tombenci em Itapetinga-Bahia, na pessoa da Tateto Lembá Ceremim e ao Tateto Kajá Lembacy, pelo acolhimento, pelos momentos de aprendizado e de compartilhar seus saberes e memórias. Sua bênção.

Ao Tata Jorge do Terreiro São Lázaro Tombenci Neto Fé e Razão de Itapetinga-Bahia. que gentilmente sempre me atendeu para compartilhar seus conhecimentos e memória sobre o Tateto Katurazambi (Nerisvaldo Lourenço da Silva) (*in memoriam*).

Não poderia me furtar em agradecer a Dra. Jussara Moreira que foi a primeira a perceber o meu possível potencial, sendo peça fundamental neste processo de amadurecimento. Minha orientadora na graduação e que se tornou uma amiga, sem a ajuda da qual, até mesmo financeira, não teria conseguindo adentrar no mestrado. Muito obrigado a prof^a. Dra. Jussara Moreira.

Aos meus familiares sem distinção, as minhas tias: Nalva, Laura e Lene aos meus primos, irmão Wallas, Wesley, Wellinton, Welmo, Watila, Walba, Wilma, os quais sempre me acolhera e me ajudaram nos momentos de dificuldades, gratidão.

Ao meu amigo Carlos Franklyn que esteve sempre comigo, passando noites sem dormir, suportando as minhas crises de ansiedade e sempre dizendo: “Vai dá tudo certo”. Te agradeço imensamente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio para a realização das atividades do PPGREC.

A PPGREC e aos Professores que ao longo desse processo se dedicaram em nos encaminhar sobre as veredas do conhecimento, nos mostrando os mais diversos caminhos e quão é variado os saberes e fazeres. Muito obrigado.

A Carla (Bisneta de Mameto Quizunguirá), que mesmo gestante foi solícita e receptiva fazendo o possível para recordar os momentos singulares da vida da sua Bisavó. Muito Obrigado,

Ao Kambondo Arnaldo Guejeburi que foi singular no desvelar das memórias do Terreiro de Santa Luzia Tombenci Filho Fé e Razão, sou muito grato pela confiança e pelo patuá.

Aos Tatetos Kajiogongo e Katuvanjesi pela disposição em contribuir com esta pesquisa compartilhando memórias e histórias ouvidas e vividas pelos nossos mais velhos, Ngasakidila.

A Mameto Itana/Mutarerê, filha de santo do Ilustre e inesquecível Tata Passinho de Águas Claras e neta do Tombenci, que apareceu no momento em que os caminhos pareciam não se conectarem, passando a ser uma bússula a me guiar.

Meus agradecimentos a Reginaldo quadros (Regi da capoeira) e Magna que contribuíram juntos na busca para que eu pudesse encontrar os relatos e fatos referentes aos nossos antepassados indígenas;

A Sylvia Frasson Pillar que na fase final pode me ajudar na parte da utilização das novas tecnologias, gratidão amiga, mesmo distante estamos próximos;

A Acbantu na pessoa do Tata Kommannajy que se disponibilizou em compartilhar comigo e com essa pesquisa seu conhecimento e oralidade.

BUETU AKULUANGA KIEAKISIKI MBELAIONENE UMENEK ENEKUALA ENIOSO!

(Nossos ancestrais e suas divindades trazem muitas bênçãos para todos).

RESUMO

O objeto de pesquisa centra-se em saber como e quando o Candomblé Angola da Raiz Tombenci¹ de Itapetinga fez-se presente na história da cidade; nesse aspecto, objetiva pesquisar nas cidades de Ilhéus e Itapetinga-Bahia a origem étnica dos terreiros de Candomblé Angola Tombenci. Em Itapetinga predomina um imaginário de crenças que rejeita as heranças indígenas e africanas, essa história oficial que nega a presença dos povos ascentrais e originários, sobretudo no que diz respeito as tradições religiosas de matrizes africanas, é uma motivação para realizar esta pesquisa. Para compreender a natureza desse objeto de investigação fizemos uso de subsídios teóricos, recorrendo as obras de Bastide (1978), Ferretti (1989), dentre outros autores. O caminho da investigação recaiu na pesquisa exploratória e qualitativa, tendo como instrumentos metodológico a memória e a entrevista semiestruturada, o qual foi aplicada com os povos dos terreiros. Como resultado apresenta uma história religiosa e social vigente do negro na realidade cotidiana de Itapetinga desde 1942.

Palavras-Chave: Etnia. Bantu. Candomblé Tombenci. Indígena.

ABSTRACT

The research object focuses on knowing how and when Candomblé Angola da Raiz Tombenci de Itapetinga became present in the city's history; in this aspect, it aims to research in the cities of Ilhéus and Itapetinga-Bahia the ethnic origin of the terreiros of Candomblé Angola Tombenci. In Itapetinga, an imaginary of beliefs that rejects indigenous and African heritage predominates, this official history that denies the presence of ancestors and native peoples, especially with regard to religious traditions of African origins, is a motivation to carry out this research. In order to understand the nature of this object of investigation, we made use of theoretical subsidies, using the works of Bastide (1978), Ferretti (1989), among other authors. The investigation path fell on exploratory and qualitative research, having as methodological instruments the memory and the semi-structured interview, which was applied with the people of the terreiros. As a result, it presents a current religious and social history of black people in the daily reality of Itapetinga since 1942.

Keywords: Ethnicity. Bantu. Candomblé Tombenci. Indigene.

¹ Como é chamado e grafado pelo povo de Itapetinga.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Descrição das Divindades, Orixás , Inquices e Santos.....	58
Tabela 2- Tabela das Saudações, Orixás, Inquices.....	59
Tabela 3- Tabela com descrição dos Caboclos/a do Angola Tombenci.....	60
Tabela 4- Descrição dos Inquices Angola Tombenci Extintos ou pouco cultuados.....	62
Tabela 5- Descrição dos Encantados Angola Tombenci.....	62
Tabela 6 - Descrição da Ordem do Barco de Muzenzas.....	69
Tabela 7 - Descrição da Lingua de Santo usadas nos Terreiros de Angola.....	82
Tabela 8- Descrição das Plantas (Jinsabas) utilizadas no Angola Tombenci.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
JUSTIFICATIVA.....	14
CAMINHOS SEGUIDOS PELO PESQUISADOR.....	18
CAPÍTULO I	
1. ITAPETINGA E SUA GÊNESIS.....	21
1.1 Uma Leitura: sobre Os Índios, os negros e os Colonizadores	26
1.2 Os Índios Mongoió (Kamakans) em Itapetinga Bahia.....	28
CAPÍTULO II	
2. ORIGEM E ETNICIDADE: O Candomblé na Bahia.....	31
2.1O Calundu Angola-Congo na Bahia.....	38
2.2 O Terreiro Tombenci Fé e Razão em Salvador-Bahia.....	41
2.3 Mameto Quizúnguirá e a expansão do Tombenci	45
2.4 Tombenci em Ilheus-Bahia.....	48
2.5 Tombenci em Itapetinga-Bahia.....	50
CAPÍTULO III	
3.0 ANÁLISE DE DADOS.....	54
3.1 O Panteão das divindades do candomblé Angola Tombenci.....	60
3.2 Cargos, Hierarquia a base de uma Família de Santo.....	82
3.3 Língua de Santo os falares africanos nos terreiros de Angola.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	96

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada emerge da necessidade de compreender as relações étnicas e religiosas afrodescendentes presentes na formação da identidade do povo Itapetinguense, pois desde a infância observei minha mãe Maria Nina Brito Neves, recorrer às práticas das benzedeadas e frequentar discretamente um Centro de Umbanda na cidade de Itapetinga-Bahia. Lembro-me quando ainda criança, sempre em companhia de *mainha*, ir ao centro de Umbanda para participar do caruru. Sempre me posicionavam sentado à mesa e colocavam um pano vermelho ao redor do meu pescoço, uma coroa dourada na minha cabeça, o mesmo acontecia com as demais crianças que estavam sentadas ao redor da mesa. Uma toalha estendida ao chão, no centro da qual estavam as imagens de São Cosme e São Damião, flores, velas e muitos doces, além do tradicional caruru, comido com as mãos. Isso acontecia à noite, porém, após comer nunca conseguia ficar acordado e sempre perguntava a minha mãe que horas o Cosme e Damião viriam, pois tinha muita vontade de conhecê-los.

Os anos se passaram e aquelas memórias, boas lembranças, fizeram-se presente até iniciar como “filho de santo”. Porém, até esse fato ser consumado não tive mais contato com o universo místico de herança afro, a não ser através das rezadeiras, que *mainha* me levava quando eu sentia algum mal estar.

Lembro-me de Dona Hermínia, uma rezadeira que sempre nos recebia com um sorriso e três galinhos de planta nas mãos, disposta e pronta para a “reza”, sua casa se localizava na rua Condeúba na cidade de Itapetinga-Bahia. Com três anos de idade, relata minha madrinha que era fascinado pelos santos católicos, no período do natal sempre pedia para fazer um altar para a “santíssima” e a “pépetua”, nomes que eu atribuía a Maria mãe de Jesus. Durante o resto da infância e adolescência não tive mais contato com nenhum tipo de religiosidades.

Após o falecimento de *mainha*, lembro-me de ainda ter recorrido algumas vezes as rezadeiras, Mãe Gil e Dona Maria também me rezavam, aquela prática despertava em mim algo especial, de fato as folhas sagradas, as palavras, os gestos daquelas senhoras era mágico e despertava um interesse que não sabia explicar.

Em 2014, iniciei a graduação em pedagogia, ingressei na universidade pelo sistema de cotas, já na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Itapetinga, através dos meus estudos, fui observando como diz Moreira (2016)

que, Itapetinga é uma cidade icônica desde a sua gênese, uma cidade colonizada por protestantes Batistas, em cuja praça principal existe uma Igreja Batista e não Católica, como é comum na maioria das cidades brasileiras.

Tal organização urbana me inquietava e então, para romper ou buscar uma nova visão dessa história Itapetiguense, veio o desejo de mapear as casas e terreiros de umbanda e candomblé da cidade. Este trabalho de pesquisa ocorreu sob a orientação do prof. Dr. José Valdir Jesus de Santana. O mapeamento (ANEXO 1) foi realizado e, posteriormente, usado como base para o trabalho de conclusão do curso intitulado: *BRANCOS E NEGROS: A MEMÓRIA RELIGIOSA DO CANDOMBLÉ ANGOLA EM ITAPETINGA-BAHIA* sob a orientação da Professora Jussara Moreira.

Foi assim, que comecei a perceber que em um outro ponto da cidade, existe um monumento medindo mais ou menos 3,0 (três metros) de altura, a conhecida Praça dos Orixás, sendo essa a primeira praça do Estado da Bahia a trazer um monumento feito em cimento e ferro, homenageando às divindades do panteão africano. O monumento inaugurada em 12 de dezembro de 1981 é uma obra do artista plástico Manoel Bomfim, nascido em Salvador-Bahia como apresentamos na foto de número 01.



Inauguração da Praça dos Orixás – 12 de Dezembro de 1981 – Fotógrafo: Desconhecido

A presença e influência protestante Batista, como apresentada na tese de Moreira (2016), o monumento de 3,0 (três metros) de altura, como primeiro monumento erguido na Bahia com o nome de Praça dos Orixás, cujas divindades africanas exibidas em peça única: (Lembá) Oxalá, (Incosi) Ogum e (Kavungo) Omolu erguidos no ano 1981, como mostram as fotos números 2 e 3, a mando de um coronel católico/candomblecista, José Vaz Espinheira, o que nos levou a buscar construir o nosso estudo dissertativo sobre as raízes do candomblé Tombenci Fé e Razão, tão presente na história da cidade, mas tão invisibilizado pela sua história oficial.

Os dados acima expostos adveio da memória de Maciel², que contou-me : a “Rótula dos Orixás possui 80 (oitenta) metros de circunferência e tem ainda como cobertura uma haste de três aros medindo 9,0 (nove metros). Essa obra foi construída na 3ª (terceira) gestão de José Vaz Espinheira, (1977 a 1983)”. Sobre essa minha identificação com a Rótula dos Orixás, segundo Oliveira (2006), se encontra a construção antropológica da própria identidade, que aqui trago na pele enquanto “filho de santo”, mas também, na vivência e experiências de pesquisador, pois será essa busca científica que, ao ser analisada neste estudo, trará a voz que foi silenciada na cidade. Logo, será levado em consideração e ponto de análise, as experiências e as imagens vistas e vivenciadas nos espaços religiosos, nos quais foram efetuados os estudos sobre os mitos mitos³, ritos, saberes e fazeres da Raiz Tombenci nas cidades de Ilhéus e em Itapetinga, localizadas no Estado da Bahia.



Fonte: Praça dos Orixás – Itapetinga-Bahia - Acervo fotográfico do Autor

Compreender a africanidade ou “afrobrasileiridade” é fundamental para conhecer

² Memória recolhida por esse pesquisador em 30 de agosto de 2018, com 40 minutos de duração.

³ MITO DA ORIGEM DO MUNDO SEGUNDO A TRADIÇÃO BANTU - NZAMBI ANPUNGU (DEUS PODEROSO) criou o mundo e tudo que nele existe, criou também uma mulher para ser sua esposa e para que por seu intermédio, pudesse ter descendência humana a fim de que esta povoasse a terra e dominasse todos os animais selvagens por ele criado. Ela se chamaria então Ná Kalunga, em virtude da que iria ter, dar à luz se chamar kalunga. Quando Kalunga atingiu a puberdade Nzambi decidiu sair para mostrar a Kalunga tudo que tinha criado e após 3 meses retornaria. Na viagem logo ao anoitecer Nzambi construiu uma Kubata (Palhoça) com apenas uma cama, se recusando a dormir com o pai, Kalunga corre chorando. Nzambi para convence-la a manda voltar para não ser devorada pelas feras, ela voltou então e dormiu com seu pai toda viagem. Quando retornaram, Ná Kalunga viu que sua filha estava grávida, enraivecida com o fato se enforcou em uma árvore perante Nzambi e Kalunga. Nzambi nada fez para impedir, pelo contrário a achando indigna de continuar a ser sua esposa, não compreendendo os desígnios para povoar o mundo que ele tinha criado então amaldiçoou e a transformou num espírito maligno a quem deu o nome de Mulungi Mujimo (ventre ruim da primeira mãe que existiu na terra). Nzambi passou a viver com Kalunga que passou a se chamar também Ndala Karitanga e com isso a segunda divindade. Um dia Ndala Karitanga passou a sonhar com sua mãe à insultando, dizendo que iria devora-la. Nzambi a tranquilizou dizendo que aquela que foi sua mãe agora era um espírito mau que estava apenas pedindo comida. Nzambi fez um montículo de terra na porta da Kubata e pediu para Ndala Karitanga buscar um animal para o sacrifício e para que a mesma disse-se ao mesmo tempo, (minha mãe acabo de vir chorar-te, agora não voltes a ter comigo outra vez, porque se volto a ver-te, vou prender-te) (Mam é Nzanga kudila ni malamba kindala kana uiza kukala ni kumi akamúkua, nda o kudila o kujibisa), com o tempo Kalunga ou Ndala Karitanga deu a luz a Nuqueou-a-Lunga (inteligente), passando este a ser a terceira pessoa da trindade divina.

como os ancestrais africanos conseguiram se reorganizar em terras brasileiras, criando modos e mecanismos para recriar uma África simbólica, porém real, através da preservação de fragmentos linguísticos, religiosos, comportamentais, sociais e culturais. Processo onde se localiza outras matrizes africanas, sendo “necessário a revisão conceitual do que seja religião afrobrasileira, a partir de reflexão profunda que resulte em consistentes meios teóricos capazes de frear a eterna recorrência nagocentrista e nagocratica [...] resultantes de um perverso contingenciamento histórico” (BRAGA, 2013, p. 7).

Segundo Silveira (2006), “nas primeiras décadas do século XIX a Barroquinha foi um bairro de população predominantemente negro-mestiça.[...]. A Barroquinha daquela época era um reduto cultural africano na cidade da Bahia.

JUSTIFICATIVA

Mesmo quando se trata da irmandade mais antiga, criada por homens livres oriundos da nação Angola, a irmandade “Senhor Bom Jesus dos Martírios dos Crioulos Naturais da Cidade da Bahia”, não encontramos estudos satisfatórios que demonstrem como esses Angolanos se reorganizaram em terras brasileiras ou como suas crenças e valores constituíram o universo afrobrasileiro (SILVEIRA, 2006).

O Candomblé de Nação Angola Tombenci estabelecido em Ilhéus-Bahia e, especialmente, a sua importância para a organização das tradições da Nação de Candomblé Angola em Itapetinga-Bahia, contribui para ampliar os conhecimentos destas tradições no interior da Bahia, o que justifica a realização deste trabalho.

Afinal, pesquisar os saberes e fazeres afrobrasileiros presentes nos dois terreiros de candomblé Angola Tombenci (Ilhéus/Itapetinga) no interior do Estado da Bahia, se justifica, haja visto que, as investigações realizadas durante o século XIX e boa parte do século XX, além de secundarizar o povo negro ainda desconhecia a matriz religiosa do candomblé Angola. Como também, os saberes oriundos das tradições yorubanas, ou jeje nagôs, preservados nos grandes terreiros liderados por matriarcas em Salvador-BA, a exemplo do Opo Ofonjá, Casa Branca, Engenho Velho e outros, ainda não foram investigados em todas as suas dimensões e profundidade.

Assim, acredito ser de relevância abordar as questões referentes ao candomblé Angola raiz Tombenci, haja vista, que ao longo do tempo os saberes e fazeres afrobrasileiros

presentes nestes terreiros contribuíram para a formação de uma identidade, bem como moldaram o viver, falar, pensar e atuar na sociedade Itapetiguense. Logo, compreender esses aspectos faz se necessário e pertinente em uma sociedade marcada pela intolerância e racismo religioso.

PROBLEMA DE PESQUISA

As questões expostas me conduz a formular a seguinte questão Problema: quais as origens étnicas e relações identitárias vivenciada pela Raíz Tombenci do Candomblé Angola da cidade Ilheus e a Raíz Tombenci do Candomblé de Angola na cidade de Itapetinga – BA?

Isto porque existe uma invisibilização da cosmologia bantu e dos mais variados grupos étnicos que aportaram no Brasil que precisa ser estudado e investigado, afinal essa composição étnica também está presente na história do Brasil; critério este que delinea como:

OBJETIVOS:

objetivo geral: pesquisar nas cidades de Ilhéus e Itapetinga-Bahia, as origens étnicas dos terreiros de Candomblé Angola Tombenci.

Objetivos Específicos:

1. apresentar aportes teóricos que tratem sobre a história religiosa dos Candomblés Angola Tombenci da cidade de Ilhéus e Itapetinga na Bahia;
2. investigar dentro do Terreiros Matamba Tombenci Neto (1885), mais antigo da cidade de Ilhéus-Bahia e em Itapetinga-Bahia a memória do trabalho religioso e a presença indígena;
3. analisar a luz do aporte teórico e dos dados colhidos na pesquisa de campo, as relações étnicas que constituem os saberes religiosos na história das duas cidades.

CONSIDERAÇÕES TEORICO METODOLÓGICAS

Essa pesquisa fez opção pela abordagem qualitativa dos fenômenos, que segundo Chizzotti (1991), mesmo não perdendo a objetividade científica, rompe com modelos quantitativos que se atém unicamente a quantificação ou representação numérica dos dados

recolhidos. Com isso, a principal atividade de um investigador que tem como meta a abordagem qualitativa, é etnografar, descrever, os aspectos sociais que estão presentes nos cotidianos, seja dentro das organizações ou nas relações entre as pessoas.

Nessa perspectiva, tomo como instrumento metodológico a utilização da memória, afinal, “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade”(BOSI, 2010, p. 16). Sendo assim, o termo Memória, na maior parte das vezes “é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” (BOSI, 2010, p. 484).

Existem singularidades dos lugares que segundo Moreira (2016), apenas são conhecidos através das memórias daqueles que fazem parte de um determinado grupo. Percurso no qual, a memória mostra que o invisível nem sempre é revelado pela história oficial, sobretudo, quando trata das ocupações do espaço religioso por crenças não reconhecidas com a mesma distinção das religiões dominantes.

Nesse contexto, tomamos como amostragem para esta pesquisa, a memória de adeptos ou filiados do candomblé Angola nas cidades de Ilhéus e Itapetinga no Estado da Bahia que foram ou tiveram alguma relação com a religião de matriz africana, bem como a memória das lideranças religiosas do Terreiro Matamba Tombenci Neto da cidade de Ilhéus-Bahia.

Para tal, a pesquisa foi desenvolvida primeiramente no Terreiro São Lazaro Tombenci Fé e Razão e Ilê axé Oxalá Tombenci da cidade de Itapetinga-Bahia, com adeptos de idades biológicas e idades de iniciação variadas, isto pelo fato, de ser os que tem registro na memória. Para conhecer o pensamento coletivo foi aplicado uma entrevista semiestruturada, a cada um dos recordadores.

Em se tratando da entrevista semi-estruturada, a atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para conhecer o objeto do tema ora investigado (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003). Para Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada tem como “característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador, além de “manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987 apud MANZINI, 2003, p. 2).

Além da aplicação da entrevista semiestruturada, como pesquisador e observador participante, cabe informar ainda que, a memória deste investigador também faz parte do processo da pesquisa, pois além de integrante de uma comunidade religiosa de matriz africana, já havia feito um levantamento censitário, entre os anos de 2015 e 2017, quando

foi possível mapear e identificar a existência de seis (6) Terreiros de candomblé da Nação Angola, e três (3) centros de Umbanda na cidade de Itapetinga-Bahia. Este levantamento foi revisto no ano seguinte (2015), quando constatamos que havia sido fechado um (1) terreiro de candomblé, por a liderança religiosa ter-se mudado para outro Estado.

Sendo assim, essa pesquisa está permeada pelos estudos sobre os candomblés Angola estudados no Sul da Bahia por Amin (2009), e no campo das línguas de origens africanas, por Castro (2001), como também, sobre os significados da palavra candomblé referenciada por Aguiar (2007), pois desde o final do século XX, o debate “sobre os povos Bantu e sua história incluía as perspectivas dos arqueólogos De Maret, Denbow, Huffmane Phillipson; dos historiadores Ehret, Klieman, Schoenburge Vasina; e dos lingüistas, Bastin, Bostoen, Nurse e Phillipson” (FOURSHEY&GONZALES, 2019, p. 27, 28).

Estes pesquisadores abriram caminho para compreensões mais profundas e decoloniais nos estudos da língua, cultura, etnia e religião dos povos Bantus. Assim, também, podemos citar a abordagem de Barth (1969), as relações entre povos e culturas distintas, o que nos conduz a discutir etnia, trazendo outro conceito igualmente importante, o de etnicidade, sem a ideia de origem comum e cultura comuns, “a etnicidade não seria uma categoria analítica, mas uma categoria “nativa”, isto é, usada por agentes sociais para os quais ela é relevante.” (CUNHA, 1979, p. 244).

A etnicidade evoca uma origem internalizada pelos indivíduos que pertencem a um grupo étnico, sendo da vontade desse sujeito e do grupo dar continuidade a sua cultura. Assim, mesmo que alguns elementos sejam transmutados, com o passar do tempo, alguns costumes e práticas permanecem dando sentido as suas identidades. Outro aspecto interessante, sobre a etnicidade, está ligado ao conceito de linguagem, comunicação, no sentido de ser o que difere um grupo do outro, e ensejam os traços *diacríticos* que identificam os indivíduos como pertencentes ao mesmo grupo. “O que significa que a etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação”(CUNHA, 1979, p. 237). Tratar de etnicidade é evidenciar elementos de cultura, vez que se encontram certa forma imbricados com outros em relações cotidianas, o que possibilita identificar os elementos de determinadas culturas, inclusive aquelas que operaram dentro do sincretismo no Brasil:

Embora alguns não admitam, todas as religiões são sincréticas, [...]; no Brasil, quando se fala em religiões afro-brasileiras, pensa-se imediatamente em sincretismo, como *aglomerado indigesto* de mitos e ritos, ou como *bricolagem* no sentido de mosaicos. (FERRETTI, 1999, p. 114).

Tal fato em nada diminui o saber religioso, ao contrário, engrandece o domínio de cada religião, ao estabelecer relações entre elementos de cultura das diversas tradições em contato.

Tratando das relações familiares do povo de santo, trazendo para o campo teórico questões significativas das relações intragrupoais, existem “parentesco de santo que denotam, como em qualquer outro sistema de parentesco, direitos e deveres, [...] fazendo de todos os iaôs [muzenzas] do barco um subgrupo perfeitamente identificável no grupo inclusivo.” (LIMA, 2003, p. 169,170).

Assim sendo, compreender as tradições religiosas inventadas no Brasil, no contexto da diáspora africana e o processo de escravização, envolve levar em conta a divisão geopolítica do continente africano e, faz se necessário, já que trata-se de uma “população de cerca de 600 milhões de habitantes distribuídos entre centenas de povos que falam diversas línguas, ao mesmo tempo diferentes e semelhantes.” (MUNANGA, 2009, p. 13), observar as condições nas quais os escravizados foram submetidos durante o Brasil Colônia e Império até a libertação dos escravizados e a proclamação da República.

Para tal, cabe compreender as múltiplas identidades presentes nos “sistemas sociais”, onde “devemos procurar equacionar tais identidades em crise, isto verificando a sua movimentação no interior de sistemas sociais, os caminhos de que se valem e levam-nas a viverem situações de extrema ambivalência.” (OLIVEIRA, 2000, p. 42).

CAMINHOS SEGUIDOS PELO PESQUISADOR.

Cabe aqui narrar o processo que ocorreu durante a pesquisa, isto desde os momentos que estive presente nos terreiros pesquisados, onde pude explicar sobre o objetivo da pesquisa aos participantes, obtendo a autorização para participar de algumas atividades litúrgicas realizadas nos Terreiros Tombenci de Ilhéus e Itapetinga-Bahia. Como faço parte da Nação Angola, fui um observador participante.

Em cada encontro, tive a oportunidade de registrar os eventos, a rotina diária nos terreiros, as comemorações, os rituais litúrgicos e festas de santo. Como instrumentos de coleta de dados e informações, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, a cada um dos escolhidos/recordadores. Em se tratando da entrevista semi-estruturada, as perguntas foram abertas e fechadas, mas com o cuidado que seriam em torno do tema a ser investigado.

Trivinhos (1987) e Manzini (2003) dizem que as entrevistas devem ser tomadas

com o maior critério e cuidado, para que o entrevistado realmente possa trazer dados que interessa. Além da entrevista, também houve a consulta sobre os acervos fotográficos e iconográficos, a pesquisa documental com registro audiovisual; e a pesquisa bibliográfica, onde para além de teses, dissertações, também foram usadas matérias em jornais e blogs. Tudo observado, informado e ou recolhido dos recordadores/entrevistados era cuidadosamente anotado em um caderno de campo]

Sobre a observação participante, desde 2019, estive presencialmente por mais de 25 vezes em diferentes momentos, tanto litúrgicos como em momentos de rotina diária nos Candomblés Angolas. Como fui autorizado a fazer alguns registros, sempre levei aparelho celular e o diário de campo para os momentos nos quais me dirigia aos Mametos. Além desses recursos, também utilizamos como técnica de coleta de dados a memória, afinal, “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade” (BOSI, 2010, p. 16).

O Terreiro Matamba Tombenci Neto da cidade de Ilheus-Bahia, conta com um rico acervo em instrumentos, imagens, quadros, símbolos e signos litúrgicos sagrados, todos preservados e catalogados no Museu Matamba Tombenci Neto em Ilhéus-Bahia. Já nos terreiros Angola Tombenci de Itapetinga-Bahia, pude encontrar fotos e relatos orais, bem como, por já ter vivenciado diversas experiências religiosas e sociais nestes terreiros de Angola Tombenci em Itapetinga-Bahia, acabei por conviver cotidianamente com a sua história. Outro aspecto importante foi a viagem a cidade de Salvador-Bahia, para localizar mais dados referentes a Mameto Quizunguirá, obtendo êxito e conhecimentos referentes a história do candomblé Angola Tombenci Fé e Razão.

Durante o processo de pesquisa conheci a Bisneta de Marcelina Plácida da Conceição (Mameto Quizunguirá), a Ajoier de Ogum do Ilê Axé Ogum Alakayê. Essa mulher negra da periferia de Salvador, mãe de uma linda menina de 2 anos e a espera de mais um filho para o mês de julho de 2021. Ela é especialista em Educação Infantil, professora da rede municipal de Salvador, na qual ocupa o cargo de Vice Diretora.

Nos espaços dos terreiros fica fácil observar e registrar a convivência harmoniosa entre as pessoas e a flora. Existe uma organização de objetos litúrgicos sagrados, podendo assim colher informações sobre o tipo e uso das plantas ritualísticas e medicinal. Existe no Candomblé Angola uma importância conferida às folhas, tanto nos rituais religiosos quanto na sua utilização como elementos naturais e terapêuticos. Para os Adeptos das religiões de matriz africana há uma necessidade intrínseca em conhecerem a utilização das folhas sagradas, saberes esses, que é adquirido pela vivência e transmitido pela oralidade, de boca

a ouvido, dos mais velhos para os mais jovens, respeitando o tempo cronológico e a hierarquia presente em cada Terreiro.

Nos terreiros conheci os assentamentos dos “Santos”, e a explicação nos cultos de cada um deles. Durante a pesquisa, sobretudo a ida a Salvador, apresentei junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ofício solicitando o tombamento da Praça dos Orixas em Itapetinga-Bahia e, em âmbito municipal, a requeri junto a Secretaria de Cultura, o Tombamento do Terreiro São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão, localizado na travessa 9, bairro Nova Itapetinga, o qual conta com aproximadamente com 71 anos de existencia, sendo mais velho que a data de emancipação política do município.

Portanto, para além dos elementos pré-textuais e da Introdução apresentada, esta dissertação foi composta por três capítulos: o Capítulo I intitulada “Itapetinga e suas origens”, versa sobre os contingentes étnicos da formação do povo itapetinguense; o Capítulo II, versa sobre origem e etnicidade: o candomblé na bahia, aborda como constituiu o candomblé, do calundu, a nação angola, dando origem a raiz Angola Tombenci. |O capítulo III, sob o título: “análise dos dados”, traz a partir das categorias elencadas a discussão do material encontrado e catalogado sobre o Candomblé Angola Tombenci. Além dos três capítulos, compela esta dissertação, as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e os Anexos.

CAPITULO I

ITAPETINGA E SUA GÊNESIS



Praça Dairy Walley – Praça do Boi – Itapetinga-Bahia

<https://pt.foursquare.com/v/pr%C3%A7a-dairy-walley/4edcfeeb775bcc53fd9e3499>

Como mostra a foto imediatamente acima “a Praça do Boi” é carinhosamente chamada, pelos 77.533 habitantes (IBGE, 2016, *on-line*) de Itapetinga, cidade situada no Sudoeste da Bahia, pertencente ao Território de Identidade Cultural Médio Sudoeste. A praça do Boi também simboliza a principal atividade econômica da cidade: a pecuária.

O símbolo bioeconômico é o gado bovino esse marco da praça civica, que se conjuga com a praça religiosa, cujo destaque se encontra no Templo da primeira Igreja Batista como mostra a foto número 6, segundo Moreira (2016), isto diferencia o municipio de Itapetinga-Bahia da maioria de outras cidades brasileiras, que geralmente ostentam no seu centro religioso Templos Católicos. Além disso, possui um número superior de igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais em relação às paróquias católicas e centros espíritas, Umbanda e terreiros de candomblé. O que não poderíamos tomar como uma novidade no cenário atual do Brasil, quando está sendo revelado pela sua “história religiosa [...] a existência de mais ou menos 42 milhões de evangélicos, [como mostrou os dados] do IBGE em 2010”. (MOREIRA, 2016, p. 20).

Primeira Igreja Batista Vila de Itatinga / Ano: 1934 – Itapetinga-Bahia.



Fonte: MOREIRA (2016): A Igreja e a Praça: Os Batistas da Cidade de Itapetinga-Bahia

A história urbano branca de Itapetinga começou quando os pioneiros Bernardino Francisco de Souza, seu irmão Tercílio Francisco de Souza e seu sogro Possidônio Antônio de Carvalho em 1912, com alguns trabalhadores em 1912, adentraram a região. Muitos deles eram católicos, ou conhecidos como caboclos por serem descendentes de índios. E foram estes homens que abriram uma pequena clareira à beira do leito do rio Catolé para a fundação da cidade. Mas, como mostra Moreira (2016), Bernardino já devia saber que aquela região era habitada pelos povos indígenas, pois ali já havia movimentação de pessoas que negociavam e desde 1817, também já existia na região uma propriedade (a Fazenda Onça) que fora registrada no nome de Bernardo Lopes Moitinho, doada pela própria metrópole portuguesa, por ele ter aberto uma estrada que ligava o sertão ao litoral (MOREIRA, 2016).

Por essa razão, segundo Moreira (2016), alguns séculos antes da consagração cristã, chegar à região Sudoeste da Bahia, viva ali o povo Mongoio. Sobre essa parte da história Moreira (2016) e Campos (2006), demonstram que não tem como falar da história social e religiosa de Itapetinga sem antes analisar a expansão colonizadora portuguesa na formação “da Vila da Conquista que foi fundada no final do século XVIII, pelo tido como escravo forro, João Gonçalves da Costa, [...], como também, a história do nascimento e desenvolvimento da cidade de Itambé”. (MOREIRA, 2016, p. 121-122).

Isto porque, o território de Itapetinga inicialmente, pertenceu a estes dois municípios.

O interior do Brasil de acordo com Moreira (2016), ganhou o interesse de Portugal não somente pela busca do metal precioso (o ouro), mas também, para formar “um aglomerado urbano entre a região litorânea e o interior do sertão brasileiro”, lugar conhecido “como o Sertão da Ressaca, berço da atual cidade de Vitória da Conquista”.

Ainda sobre o sertão da ressaca, trazemos os estudos de Aguiar (1999), quando diz: Parte da região compreendida como Sudoeste da Bahia (ou, mais especificamente, como

Planalto da Conquista) foi, no passado, chamada de Sertão da Ressaca. Por sua situação privilegiada, a meio caminho entre o litoral (à altura da cidade de Ilhéus) e o rio São Francisco (à altura de Bom Jesus da Lapa), Conquista constituiu-se, desde o início, em uma cidade encruzilhada, por onde passavam boiadas e onde os vaqueiros pousavam para descansar das longas viagens pelo sertão, na condução dos bois para venda em Salvador e Recôncavo da Bahia; pelos caminhos do passado que a interligavam: a leste, com Ilhéus; ao sul, com a região de mineração do estado de Minas Gerais; a oeste, com o rio São Francisco e a Chapada Diamantina; a nordeste, com Cachoeira, Nazaré das Farinhas e Salvador. (AGUIAR, 1999, p. 1).

Essa região, “que inicialmente, se limitou à produção da atividade pecuarista era habitada dentre outros grupos indígenas pelo povo conhecido como Mongoió”. (MOREIRA, 2016, p. 125), como era chamado pelos portugueses, s índios “Camacãs (ou Kamakan) como foi nominado pelo príncipe Wied-Neuwied”. (MOREIRA, 2016, p. 125-126). Ou seja,

[...] como em muitas outras formações de cidades brasileiras, a área de Itapetinga foi marcada por práticas agressivas de exploração da natureza, principalmente, contra os Mongoió [...]. Alfredo Antônio Dutra, no final de 1935, atraiu os índios deixando-os caçarem em suas roças, colher milho, mandioca, cana de açúcar, assim pegou alguns deles da Serra do Couro D’Anta, para a roça de sua Fazenda Itaporanga, vestiu-os e os trouxe para a praça, para ter contato com a comunidade [...], logo depois foram enviados para Itaju do Colônia, onde havia um posto para os índios se adaptarem a civilização. (MOREIRA, 2016, p.129-130).

Como qualquer outro núcleo urbano do Brasil “colônia, onde também por razões de ordem mercantil, ligadas ao sistema escravocrata atlântico, se produzia a mesma confluência e o encontro de grupos humanos culturalmente diversos” (PARÉS, 2013, p.14).

A foto de número 07 traz a imagem atual da Serra do Couro Dánta, ultimo local onde os indigenas Mongoió foram vistos no princípio do século XX

Serra do Couro D'anta Itapetinga-Bahia -



Fonte: Acervo fotográfico do Autor – 2020.

Sobre esse aspecto, uma das nossas recordadoras, declara:

Eu tive a oportunidade de estar sempre com meu avô, pois eu sou neta mais velha, então eu sempre estava conversando com ele, ia para roça com ele, estava sempre na casa dele. Ele me contou que quando ele chegou naquela região[Serra do couro d'anda], não tinha dono, aquilo lá era mata bruta, aquela serra do couro d'anda, que hoje eu acho que tem uma fazenda chamada guiá nega. Era tudo mata fechada e só tinha índio, aquilo era tudo dos índios, meu avô chegou muito novo, veio ele e minha avó de Ilhéus e veio morar ali. Ele contava que para fazer um rancho ele teve que cortar as madeiras, com o machado, ali era tudo mata bruta. [...]. Ele também tinha sangue de índio, pois minha bisavó era índia, ele achava que era por isso que os índios não o mataram. Então ele abriu uma parte da mata a machado e ficou morando ali, teve um bom conhecimento com os índios, inclusive os índios matavam caça e deixava na porta dele, não tinha medo, foi lá naquele rancho que minha mãe e meus outros tios nasceram.

Quando era noite os índios batiam tambores, faziam fogueiras, até conversar com os índios meu avô conversava. Mas tudo isso se acabou até chegar uns fazendeiros, só não posso afirmar quem eram, era uns homens que se apoderaram dessas terras, mas meu avô falava que chegou uns caminhões cheio de homens com espingardas e começaram a acorrentar os índios e colocar nos caminhões, mas ele não sabia para onde estavam levando os índios. Os índios que recusavam ir com os homens eles matavam. Tem uma história que meu avô contava que os homens tentaram pegar umas índias e uma delas estava com um bebê no colo, eu me lembro muito bem dele contando essa história, então as índias correram, pois os homens tinham cachorros, eles usavam uns cachorros brabos para (acoar = encurralar) os índios. Então a índia quando viu que eles iriam conseguir pegar todas elas, a índia jogou o bebê no mato, dentro dos espinhos, mais adiante conseguiram pegar as índias e retornaram em busca do bebê, quando encontraram o bebê um dos homens pegou e o bebê mordeu a mão de um dos homens e não queria soltar, então o homem cortou a cabeça do bebê.

Eu ainda alcancei uma época em que meu avô mim levava em um lugar na serra que tinha potes, instrumentos, e outras coisas no chão, e meu avô

protegia e dizia que era dos índios, meu avô protegia porque tinha a esperança de um dia os índios retornarem.

Aquelas terras da Serra do Couro D'anda pertencem aos índios, eu via os potes, panelas, enterradas no chão. Inclusive quando aqueles homens foram tirar os índios daquela terra, os homens convidaram meu avô para ser guia, pois meu avô conhecia os índios e aquelas terras, meu avô foi contra, pois ele era amigo dos índios, e ele dizia que o mesmo sangue que correria na veia dos índios corria também na veia dele. E foi assim que os índios foram tirados daquelas terras, foram tirados a força, amarrados, acorrentados, e muitos morreram porque se recusaram a sair, [...], foi uma matança, e meu avô não sabe para onde levaram os índios [...]. Pena que meu avô não está aqui para confirmar essa história, mas todo mundo que conheceu ele sabe dessas histórias, pois ele contava e não pedia segredo.

E minha mãe também confirmava, [...], e todo mundo que morou naquela região sabe que não estou mentindo. Meu avô não morava em casa de alvenaria, a casa de meu avô era feita de capim e casca de árvore, [...]. Foi lá que meu avô morreu, ele nunca teve uma casa de alvenaria, a casa dele foi sempre a mesma casa. E tem mais, meu avô morreu e foi enterrado lá na beira da casa, pois foi o pedido dele, que não levasse ele para canto nenhum, pois ele dizia que ali era terra sagrada.[...]. Quando meu avô morreu eu estava com 24 anos de idade. Meu Avô era curandeiro, era parteiro, fazia os partos e cuidava do povo. Hoje estou viva graças a ele, pois quando eu engravidei da segunda menina foi ele que fez meu parto, foi o último parto dele. (ENTREVISTA EM 20 DE JANEIRO DE 2021, RECORDADORA CABOCLA JANDIRA).

Além desse depoimento, pode ser acrescentado as investigações do príncipe e do padre quando tiveram no Brasil, pois tanto

[...] nas citações de Wied-Neuwied (1942) e do Padre Azpilcueta, (1933) podemos comprovar que a região de Itapetinga era habitada pelo povo Mongoió, isto porque Jovino Francisco de Souza em sua memória, recorda que quando era criança viu “dois adolescentes” amarrados em uma espécie de poste que ficava no centro da Praça Augusto de Carvalho. Segundo Jovino, “Eles estavam com vestimentas estranhas e gritando sem parar. Perguntei do que se tratava [...], isto é índio! [...], era algo comum aqui”. Ou seja, o povo Mongoió, de novo, foi sacrificado já na constituída cidade de Itapetinga. Existe implícito, na noção desta provável e vindoura civilização, a extensa penalidade que os índios sofreram ao serem obrigados a transformar a sua cultura. (MOREIRA, 2016, p.124).

Essas semelhanças estruturais nos sugerem que certas dinâmicas de “identidades coletivas de grupos minoritários, bem como, suas estratégias de assimilação e resistência em relação ao grupo dominante, podiam ter-se reproduzido de forma paralela na Bahia” (PARÉS, 2013, p.14), e por conseguinte, na cidade de Itapetinga.

1.1 Uma Leitura: sobre Os Índios, os negros e os Colonizadores

As pesquisas de Cancela (2007), sobre os contatos inter étnicos entre índios e colonizadores nas vilas de índios da Capitania de Porto Seguro (Brasil), entre os anos de 1758 e 1820, aponta a existência de um “território multicultural, onde brancos, mulatos, pardos, negros e índios mantiveram vários contatos condicionados ao contexto geral do processo de conquista e colonização da América portuguesa.” (CANCELA, 2007, p.43).

A presença dos não-índios possibilitou uma relação miscigenada e sincrética, solidaria e de cumplicidade entre as culturas e povos. Essas relações foram possíveis por ser uma política de governo, aplicada pelo Marquês de Pombal: “a política indigenista não passou incólume a este contexto de crise e reformas. O Marquês de Pombal reelaborou a legislação indigenista, adaptando-a à conjuntura política, social e econômica do Império. (CANCELA, 2007, p. 44).

É nessa conjuntura que podemos constatar que, se por um lado havia o interesse da metrópole em incorporar os índios a sua política de defesa do território, diante dos Espanhóis, por outro, havia o interesse dos colonos em manterem os índios submetidos a condição de subalternos. O destaque na política indigenista do Marques de Pombal, a “grande diferença estava nos parágrafos relativos aos costumes indígenas, que deveriam ser extirpados, e no forte incentivo à miscigenação e à presença de brancos nas aldeias.” (CANCELA, 2007, p.46).

O Diretório⁴ dos Índios estabelecia como obrigatório, a presença de elementos não-indígenas nas vilas e aldeamentos. Logo, a presença de estranhos contribuiria com o processo de civilidade dos índios uma vez que consideravam,

[...] odiosa separação entre uns e outros em que até agora se conservam tem sido a origem da incivilidade a que se acham reduzidos; para que os mesmos índios se possam civilizar pelos suavíssimos meios do comércio e da circulação e estas povoações passem a ser não só populosas, mas civis. (FURTADO, 1758, p. 54 APUD CANCELA, 2007, p.49).

Nessa relação, “os diretores das vilas de índios deveriam facilitar a entrada de brancos nas povoações, dando-lhes auxílio na construção de suas casas e distribuindo-lhes terras para

⁴ Composto por 95 parágrafos, o Diretório apresentava regras de convivência entre brancos e indígenas no Estado do Grão-Pará e Maranhão. Dentre as medidas mais importantes, destacam-se: a extensão da vassalagem aos índios; a substituição dos missionários por párcos; a introdução de administradores temporais; a obrigação do uso da Língua Portuguesa; a transformação dos indígenas em pagadores de impostos; o incentivo ao casamento inter étnico; a transformação das chefias indígenas em autoridades coloniais e a introdução do governador como mediador na distribuição da mão-de-obra indígena. (CANCELA, 2007, p. 45).

o cultivo”. (CANCELA, 2007, p. 49). Essa condição acabaria por gerar nas vilas e aldeamentos novas configurações indentitárias e raciais, pois como constatado pela pesquisa de Cancela (2007), entre os índios, a maioria era de mulheres e, ainda informa que: “Entre os enviados havia duas negras, uma parda e outros cinco com etnia não declarada”. (CANCELA, 2007, p.54). E continua o mesmo autor afirmando:

Além disso, esses indivíduos tinham trajetórias de vida distintas, sendo alguns deles até ex-ecravos. Desta forma, podemos concluir que a presença de degredados nas vilas de índios de Porto Seguro possibilitou a formação de um cenário multiétnico, uma vez que, para além de brancos, outros indivíduos “de cor” compunham também a categoria de degredados. (CANCELA, 2007, p. 54).

Diante dos fatos já analisados, nas vilas e aldeamentos de Porto Seguro, se presume que mediante o mútuo interesse, o da metrópole em querer proteger seu território e inserir os índios na defesa das terras e, a dos colonos, em manterem cativos e subalternos os povos indígenas. Essa relação corroborou para a criação de uma pré identidade nacional, visto que “em 1775, chegou ao conhecimento do Rei de Portugal que algumas índias já estavam se casando com os não-índios, fato que contribuiria para a conservação da paz e da concórdia entre os habitantes das vilas de índios. ” (CANELA, 2007, p. 55). Além disso, afirma o mesmo autor:

A construção de alianças entre os indígenas e os degredados deve ser entendida como uma decorrência da própria situação colonial. Em primeiro lugar, índios e degredados foram forçados a viverem em um mesmo espaço geográfico – as vilas de índios –, onde foram submetidos a regras de convivências impostas pela sociedade colonizadora que objetivavam o liga-los a determinados comportamentos classificados como civilizados. (CANCELA, 2007, p. 56-57).

Tal situação estabelecida e sancionada pelo governo da época espalha pelas outras capitanias, vilas e aldeamentos. Mas, “revelam um processo de reconfiguração de identidades a partir das experiências de contato sociais e culturais entre grupos de índios (das mais diversas etnias) e de degredados (tanto branco, mulato, pardo ou negro). ” (CANCELA, 2007, p. 57).

1.2 Os Índios Mongoió (Kamakã) em Itapetinga-Bahia

Povos Mongoió (Kamakã).



Fonte:

<https://conquistatop.com.br/20/11/2018/o-conflito-entre-os-indios-mongoios-e-as-tropas-de-joao->

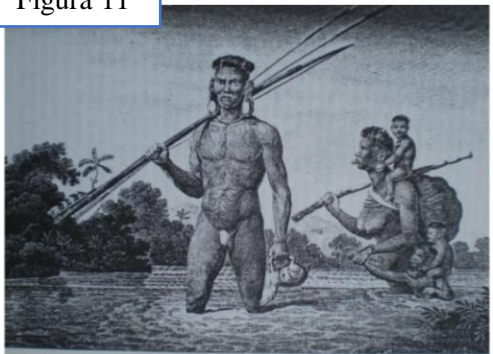
Com a chegada de Bernardino Francisco de Souza, se tem “o prenúncio para a formação do núcleo urbano de Itapetinga” (MOREIRA, 2018, p. 18). Mas, bem antes e durante, vivia nessas terras os Índios Mongoiós, conhecidos por *Kamakãs*. Porém como já constatado, “[...] foi observado que no senso comum dos moradores da cidade, circula a ideia que se houve uma ancestralidade do povo Mongoió dentro da região, não foi exatamente no núcleo que formou a área urbana de Itapetinga.” (MOREIRA, 2018, p. 17).

Assim, não há nenhuma fonte documental em registros, ou órgãos públicos, que fale da presença dos Mongoió (*Kamakã*) na cidade. Tal presença somente pode ser constatada “em sua pré-história, quando a região foi habitada pelo povo Mongoió, facilmente sendo comprovado na pesquisa de Wied-Neuwied (1942) e nas descrições do Padre Azpilcueta (1933)”. (MOREIRA, 2018, p.19).

Na obra de Aguiar (1999) encontra-se que,

[...] os aldeamentos existentes na região dos rios Pardo e de Contas, no século XIX, eram os seguintes: [...];- Salto do Rio Pardo, hoje Povoado de Angelim do Município de Potiraguá, habitado por Botocudos e Mongoiós;- Barra do Catolé, hoje cidade de Itapetinga, fundado em 1820, por algum tempo administrado pelo frei Rainero de Ovada, habitado por Mongoiós e Botocudos;- Cachimbo, hoje cidade de Itambé, fundado por Antônio Dias de Miranda, administrado por algum tempo pelo frei Luís de Garva, habitado por negros, Mongoiós e Botocudos. Foi visitado em 1817, pelo príncipe Maximiliano que fez sobre o mesmo uma rica descrição: [...]. (AGUIAR, 1999, p. 57).

Figura 11



WIED NEUWIED, Família de Botocudos em viagem (gravado por Seyffer e Kruger, Stuttgart), 1940: 294.

O que torna importante observar,

[...] que tanto a colônia Cachoeira quanto o estabelecimento de Cachimbo funcionam como centro de integração indígena. Elas estavam situadas nos rios Cachoeira e Pardo, respectivamente, região de maiores interesses da expansão e exploração das terras para fins da agricultura e comércio, pois, ligava as vilas Ilhéus-Conquista como já demonstramos, bem como uma região ainda densamente habitada por indígenas, que não teriam sofrido o processo da territorialização nos aldeamentos de catequese. (SILVA, 2015, p. 192-193).

A região que é compreendida como Sertão da Ressaca era uma área densa e habitada por indígenas que ainda não haviam passado totalmente pelo processo de territorialização, aldeamento e catequese. Até a chegada do,

Frei Luis de Grava [...] em agosto de 1853, mas já tinha atuado anteriormente em Pernambuco e Alagoas, como esclarece Pietro Vittorino Regni, para quem o frade representava, no sul da Bahia, a continuação do trabalho de Ludovico de Livorno. Nesses termos, observa Telma de Souza [...] “seria o grande responsável pelo treinamento de mão de obra indígena na região sul da Bahia”. Ele sucedeu Ludovico de Livorno, que atuou por três décadas em Ferradas e demais localidades do sul da Bahia, na posição de administrador da mão de obra indígena, [...]. Luis de Grava, em fins do século XIX, foi a figura religiosa e administradora do trabalho indígena mais atuante na região sul da Bahia. Sua atuação está, intrinsecamente, relacionada aos rumos da política de colonização e administração do trabalho indígena em fins do Oitocentos. Frei Luís de Grava, após a extinção do aldeamento São Pedro de Alcântara, permaneceu em Ferradas, responsável pela administração da colônia nacional ali implantada. Além da colônia Cachoeira, ele administrava paralelamente as aldeias de Barra do Catulé, Santo Antônio da Cruz e Cachimbo. (SILVA, 2015, p. 188).

É com a chegada do Frei Luís de Grava que se inicia o processo de colonização e administração do trabalho indígena a fim de “civilizar” os povos indígenas do Sertão da

Ressaca.

Na perspectiva de Vânia Moreira, o índio considerado “brasileiro” por Gonçalves de Magalhães o era no sentido de sua incorporação e contribuição à nacionalidade como mão de obra disponível. Como asseverou a autora: “O índio” era, em outras palavras, ontologicamente transitório: deveria morrer culturalmente para nascer como brasileiro” . E como bem assevera Moreira, dentre as ideias gestadas acerca do lugar do índio na construção da nação brasileira, prevaleceram às ideias de Magalhães, que foram incorporadas à “ação indigenista do Império. ” (SILVA, 2015, p. 180).

É com as ideias e aspirações, movidos por essa ação indigenista do Império que os coroneis do cacau (Ilhéus), gado em (Itapetinga) e Vitória da Conquista (café), se organizam juntamente com os padres missionários para civilizar, colonizar os indígenas.

Sobre a presença indígena e negra [africana], nas palavras do naturalista Maximiliano Príncipe de Wied Neuwied, “cada fazenda de gado tem um número suficiente de vaqueiros, entre os quais se vêem negros, mulatos, brancos e algumas vezes índios. ” (AGUIAR, 1999, p. 5).

Portanto, em seu início o Sertão da Ressaca foi habitado por indígenas, negros e brancos. Atualmente, entre Sul e Sudoeste da Bahia, ainda restaram 3 aldeias indígenas, enquanto organização dos descendentes indígenas para a fundação da primeira aldeia urbana na região, intitulada Aldeia Urbana Pedra Branca. Os 3 aldeamentos contemporâneos estão sob os nomes de Aldeia Alto do Cachimbo, aldeia Ribeirão do Pardo, e aldeia Alto da Abobreira. Porém as terras não estão demarcadas e há conflitos constante entre os aldeados e dos aldeados com fazendeiros.

Dança Indígena Toré – Aldeia Ribeirão do Pardo– Ano: 2020.



Aldeia Ribeirão do Pardo. Moradias Indígenas Território do Cachimbo - Ano: 2020.



CAPÍTULO II

ORIGEM E ETNICIDADE: O Candomblé na Bahia

Segundo AMIN (2011), os cultos afrobrasileiros, antes mesmo de ser analisado sob a ótica e o aspecto propriamente religioso, foi reconhecido primeiramente como núcleo ou como local de pertencimento, território, fonte e referência dos saberes e fazeres, bem como, de identidade dos africanos e seus descendentes. Tal identidade, a princípio, se construiu transversal pelo campo étnico para se reconstruir posteriormente no campo religioso a partir da invenção das “nações” de Candomblés.

Como se organizou os fundamentos para a formação do candomblé enquanto sistema religioso de africanos e afro brasileiro pós diáspora em terras brasileiras? Expondo panoramicamente os trajetos percorridos desde a captura dos indivíduos na África, até o desembarque nos portos brasileiros, desvendando os mecanismos escravocratas e as *artimanhas* utilizadas pelos africanos para preservarem seus saberes e fazeres religiosos, sociais e culturais.

Os estudos e narrativas sobre as sobrevivências religiosas dos africanos no Brasil, realizadas por diversos autores estrangeiros e brasileiros, se faz necessário distinguir que, desde as primeiras pesquisas até à contemporaneidade, o candomblé vem se reinventando e resignificando seus rituais e sua etnicidade, “o que significa que a etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação.” (BICK; CUNHA, 1979, p. 237).

A reinvenção e resignificação dos candomblés, tem originado nos diversos tipos de religiões, a exemplo das Umbandas, Candombles de Caboclos, Jarê, Candomblés do Sertão, e outras, as quais justificam a terminologia Religiões Afro, Indígenas, Brasileiras, envolvendo elementos de culturas religiosas de indivíduos das diversas etnias. Desde o Brasil Colônia aos dias atuais, possibilitando a intelectuais e pesquisadores, a construção de conceitos, tais como: Diversidade Compartilhada, Dupla e Multilas Pertenças, Correspondência Simbólica e Sincretismos enquanto modos de assimilação e adoção de símbolos, ritos e rituais com os quais se emocionam e se identificam.

O Sincretismo e a ressignificação entre as práticas religiosas, africanas, indígenas e católicas.

Figura 13



Fonte: <http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/2013/08/08/os-pataxo-o-papa-e-a-umbanda/>

Figura 14



**Centro Espirita São Francisco de Umbanda – Itapetinga-Bahia – 2014 – Mapeamento.
Autor**

O candomblé de Nação⁵ Angola absorveu as influências recebidas, como mostram as fotos acima, dos mitos, ritos e fazeres das demais etnias, o que inclui as heranças das diversas nações indígenas e da própria religião Católica Apostólica e Romana. Isto sinaliza que,

[...] a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce as outras, enquanto se torna cultura de contraste: esse novo princípio que a submete, a do contraste, determina vários processos. (BICK;CUNHA, 1979, p. 237).

Então, foi necessário aos primeiros africanos, fazerem uma leitura das linguagens presentes na diáspora para poderem recompor seus ritos, mitos, etnicidade e identidade, gerando assim, uma comunicação, um processo complexo e gradativo que, perdura até aos dias atuais. Em suma, a colonialidade operou e continua operando com a “inferioridade de grupos humanos não europeus do ponto de vista da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos”. (OLIVEIRA 2012, p. 54). São esses processos que construíram, o que identificamos hoje como cultura e pertença afro, brasileira e indígena.

Logo, faz-se necessário compreender e decolonizar a história, para podermos operar com os processos, fluxos e refluxos, os caminhos que produziram as estratégias dos africanos e indígenas, tanto para a ocupação do espaço, como no estabelecimento dos meios para manterem seus saberes e fazeres. É sob essa perspectiva que chegamos a Pindorama:

Pindorama foi o primeiro nome dado às terras que hoje chamamos de Brasil. Palavra de origem tupi-guarani, que significa “terra das palmeiras”, ela era usada pelos povos de origem ando-peruana para se referir ao extenso território ocupado por diferentes sociedades indígenas Tupi-Guarani. Tais sociedades indígenas acreditavam viver em uma terra “livre de todos os males”, até a sua invasão no ano de 1500. O caráter mítico de Pindorama parece ter sido elaborado já nos séculos XVI e XVII, quando a colonização e a exploração das populações indígenas eram uma realidade cotidiana para os povos que viviam entre tantos tipos de palmeiras. No entanto, a história dos povos que originaram os Ticuna, Karajá, Krahó, Pataxós, Krenak, entre outras tantas sociedades indígenas, é muito mais extensa e complexa do que se possa imaginar. Entender parte dessa história é também compreender aspectos importantes do país que hoje chamamos de Brasil. (LOPES, 2016, p. 7).

4- Parés (2007, p.103) afirma que a categoria nação é acionada de forma ideológica, correspondendo aos interesses de legitimação social desejados pelos grupos. É um alicerce importante para a manutenção de uma identidade coletiva, ao mesmo tempo em que reproduz estratégias de competitividade e solidariedade, operando no jogo de disputas de memórias étnicas.

Ainda que não tenham estudos que partam da visão ameríndia, para compreender sob outro olhar como era a vida, processos e estruturas sociais em Pindorama, antes da invasão de 1500, os estudos atuais quando tratam da categoria decolonial, tentam romper com os erros históricos e manutenção do eurocentrismo. É sempre difícil “abandonar preconceitos e etnocentrismos. O próprio negro brasileiro, ao estudar as religiões africanas de seu país, aceita o ponto de vista do branco sobre a superioridade da civilização ocidental.” (BASTIDE, 1978, p.10-11).

A partir dessa perspectiva cabe destacar a presença e influência dos povos Bantu Angola (povo ancestral) falante das línguas Kimbundus:

Os kimbundus são um dos principais grupos étnicos de Angola, que juntamente com os ovibundus e os bakongos formam algo próximo aos 70% da população angolana atual e, durante o período do tráfico de escravos, esse grupo foi enviado para o Brasil como cativo/escravo. Nesse processo os kimbundus trouxeram consigo elementos da sua cultura, que foram incorporados até os dias de hoje, sobre tudo nos aspectos da religiosidade afro-brasileira de matriz banto, mas que no processo de misturas, mestiçagens e criolizações existentes no Brasil desde a época da colonização influenciaram e interferiram, também, nas matrizes do complexo jeje, nagô e ketu praticados no Brasil. (AGUIAR, 2016, p. 104).

Ao fazer esse percurso histórico-social, sinalizamos que as populações negras e escravizadas, bem como a sua cultura, língua, saberes, fazeres, religiosidade, foram durante grande parte da história brasileira invisibilizada, marginalizada e até excluída. Contudo, esses mesmos sujeitos escravizados encontraram meios e mecanismos de preservarem suas heranças, criando uma interligação entre África e Brasil gerando uma identidade própria, a qual conhecemos por afrobrasileira. Nesse quesito as relações étnico raciais são formadas historicamente, mediante a construção de imagens e representações coletivas. Ou seja,

[...] a representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentido às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL *apud* FERNANDES & SOUZA, 2016, p. 104).

Através da análise das palavras de Hall e das palavras de Moreira (2016, p. 128), podemos compreender que a sociedade brasileira manteve “em sua memória as representações coletivas que foram construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros”. Assim:

Ambas as dimensões da identidade atribuída ou de auto atribuição

(identidade negra) são coletivamente construídas e se transfiguram conforme o contexto social, cultural e político. No entanto, a identidade atribuída é dotada exclusivamente de um caráter essencializador, na medida em que relações de poder estão envolvidas na essencialização do que é ser negro. Diferentemente, a identidade auto atribuída (identidade negra), não se configura em “uma essência, mas um posicionamento”. Porém, não se pode negar que em seu percurso histórico de construção e reconstrução recorre a um certo “essencialismo estratégico”, entendendo por isso uma relação com as diferenças que permita aos grupos estabelecerem referências de pertencimento e reconhecimento. Conforme observa Lia Vainer Schucman, indivíduos ou grupos sociais não trazem dentro de si uma essência negra ou branca, mas essas categorias podem ser ressignificadas conforme necessidade e contexto social. A autora assinala que ser negro não é uma entidade fixa e imutável. Todavia “[...] ser negro no Brasil é uma condição objetiva em que, a partir de um estado primeiro, definido pela cor de pele e pelo passado, o negro é constantemente remetido a si mesmo pelos outros”. (FERNANDES & SOUZA, 2016, p. 109).

Ao tomar essas duas preposições “essência negra ou branca” como categorias que tem condições de serem ressignificadas conforme necessidade e contexto social; e “ser negro” como uma condição objetivada pelo Estado, começamos a compreender as condições que aos negros foram negadas no processo do desenvolvimento urbano, sobretudo, aqueles voltados a sua fé religiosa, o candomblé.

Sobre o candomblé no Brasil, sempre foi negado, desde a realização das “festas religiosas em geral; as cerimônias religiosas anuais obrigatórias do culto”. (CARNEIRO, 2002, p. 136). Sempre foi visto como “uma religião afro-brasileira, mediúnica, que cultua entidades chamadas *Orixás*, os quais se manifestam no corpo dos crentes por meio de uma crise de possessão.” (FÁTIMA, 2007, p. 513), sendo assim, sequer tinha ideia da existência do candomblé Bantu⁶. Porém, a resistência de um povo se fez sentir e o candomblé que primitivamente significava dança e instrumentos de música passou a designar como mostra Bastide (2001), a própria cerimônia religiosa.

Foi assim se tornando uma prática religiosa eminentemente urbana, e tem considerável número de seguidores no país. Como apresenta Carneiro, “o culto organizado não podia, sob a escravidão, florescer no quadro rural – ou seja, a fazenda -. Para mantê-lo

⁶ **CANDOMBLE (BANTO)** 1. (*BR*) – local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileira da Bahia; o culto ou o conjunto de crenças religiosas dedicadas a divindades africanas (**santos**); a cerimônia pública festiva; (pejorativo) cerimônia de magia negra, de feitiçaria, **macumba**. Var. **canombé**. Cf. **candombe**, **candombelê**, **canzuá**, **ilê-orixá**. KiK./Kimb./Umb. *Kandombele* > *kulombela* <*lomba*, rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses e local onde se realiza oculto.

o negro precisava de dinheiro e de liberdade, que só viria a ter nos centros urbanos.” (1959, p. 7).

Em que pese as considerações de Bastide (2001) e, de Carneiro (1959), com o correr da história no Brasil, tanto na zona campesina, como nas áreas de mineração, as tradições religiosas afro e indígena brasileira se organizaram. Quando se trata especificamente do candomblé, eles se multiplicaram, como “Candomblé de Caboclo” (SENNA, 1998) e “Candomblés do Sertão” (AGUIAR, 2012).

Sobre as religiões negras, que entraram ao Brasil, negros dos dois grandes grupos “sudaneses” e “bantos”. O primeiro grupo foi introduzido inicialmente nos mercados de escravos da Bahia, de lá espalhando-se pelas plantações do recôncavo e secundariamente por outros pontos do Brasil. Desses negros sudaneses, os mais importantes foram os “iorubas”, ou “nagôs” e os “jejes” (“Ewes” ou “daomeanos”) e em segundo lugar, os “minas” (Tshis” e “Gas”), os “haussás”, os “tapas”, os “bornus” e os “gruncis” ou “galinhas” [...]. Com esses negros sudaneses entram dois povos de origem berbere-etíope de influência maometana: os “fulas” e os “mandês.” (RAMOS, 2001, p. 26, 27).

O fato é que o candomblé tornou religião dos descendentes de diversas “nações” africanas⁷. Sobre esse aspecto, os

[...] ancestrais vieram escravos para o Brasil. Uma idéia deste complexo quadro de civilizações é fornecida a seguir por Bastide (1985, p. 67), citando Arthu Ramos: as civilizações sudanesas representadas especialmente pelos yorùbá (nagô, ijexá, egba, ketu, etc.), pelos daomeanos do grupo jêge (ewe e fon) e pelo grupo fanti-axanti chamado na época colonial de mina; as civilizações islamizadas representadas, sobretudo, pelos peuhls, pelos mandingas, e pelos haussal; as civilizações dos bantos do grupo angola-congolês representadas pelos ambundas de Angola (cassangues, bangalas, inbangalas e dembos), os congos ou cabindas do estuário do Zaire e os benguelas; as civilizações dos bantos da Contra-Costa representadas pelos moçambiques (macuas e angicos) (BASTIDE, 1985, p. 67; APUD SPINOLA, 2012, p. 83).

Porém, para chegar a Itapetinga, segundo Aguiar (2012), que pesquisou os terreiros de Candomblé em Vitória da Conquista, Município do qual Itapetinga foi distrito, inicialmente, o que se conhecia na cidade, como batuque, candombre, catiço e, por fim, umbanda, ele constuiu o conceito “Candomblés do Sertão”. Esse

⁷ O tráfico negreiro trouxe para o Brasil numerosas tribos e etnias que, apesar dos deslocamentos de populações na África, não tinham o hábito de estar normalmente em contato. Mesmo quando a miscigenação as misturou, essas etnias não se fundiram, conservando cada qual certo número de traços culturais irredutíveis e agrupando-se em nações. Na Bahia não existem mais hoje indivíduos ewes, iorubas, angolas ou congos, mas essas nações sobreviveram sob a forma de candomblé, ritual ou musicalmente diferentes. (BASTIDE, 2001, pp. 260-261). Para maiores detalhes ver Karasch (2000, p.127).

identificador produzia um imaginário e uma memória que era um o tipo de religião organizado em Vitória da Conquista, a partir da colonização do Sertão da Ressaca pelos portugueses, católicos. Assim, os denominou:

Os candomblés do Sertão são fenômenos culturais essencialmente sincréticos, cujas sincretudes foram construídas a partir do processo da *Diversidade Compartilhada* entre negros, índios e europeus no sertão, onde cada grupo étnico, em diálogos com os ecossistemas específicos, com o cosmos, as atividades econômicas e os seus elementos de culturas religiosas, contribuíram cada um com o seu quinhão, ritualizaram os seus sotaques em linguagens, as emoções trançadas como se trança a esteira em que deita a Iaô e o chapéu de palha que cobre a cabeça do Preto Velho; como tiras de couro trançadas em laços, couros costurados em chapéu, jaleco, gibão, perneiras e as botas de seu Boiadeiro; como as rendas de bilros trançadas em babados que adornam o altar e enfeitam as saias de Oiá; as rezas, garrafadas, curas, zuélas e chulas, as danças, as comidas, as manhas os carinhos e dengos, o feitiço que encanta. (AGUIAR, 2012, p. 1).

Neste sentido, a questão de uma identidade religiosa fundada em elementos de culturas originadas na “África Negra”, constituiu-se no Brasil como uma forma efetiva de ressocialização, haja vista, ter assegurado questões que ultrapassaram o sentido da crença ou da fé. Isto significa que ao trazer a consciência de pertencimento para grupos tão distintos em línguas, costumes e tradições, aproximou, sem no entanto coagir, as diversas nações escravizadas pela colonização luso-europeia. Nunes (2013), nos revela que, mesmo sendo negada, existe no Brasil uma identidade tão afro quanto brasileira, assentada e erigida a partir de organizações religiosas chamada “Nação do candomblé”, que procuraram preservar os fragmentos das memórias africanas, ressignificando-os, através dos contatos que a diáspora viabilizou aqui no Brasil.

Tanto que, para aqueles que chegavam ao Brasil, quanto os que já habitavam nas senzalas, não havia o respeito às suas culturas por serem diferenciadas. Tal concepção etnocêntrica, aos poucos, no lugar de separar acabou aproximando os negros, resultando daí uma nova construção identitária. Ao observar que a etnicidade costuma remeter para o não ou pré-estatal, e sob o modelo do Estado-Nação que os grupos ou movimentos qualificados de étnicos são compreendidos: unidades discretas, dotadas de fronteiras nítidas, reunindo em seu interior um certo número de indivíduos. (GOLDMAN; OSSOWICKI, 2006, p. 2).

É com essa compreensão de etnicidade que se estabeleciam os primeiros candomblés na Bahia que, anteriormente, eram denominados de Calundus. Não sendo

candomblés de origem Ketu ou Jeje, mas originários do grupo Bantu como mostra a foto 15 abaixo disposta.

Africanos de Origem Bantu: Angola, Benguela, Cabinda, Mina, Monjolo, Congo, Quiloa.



Fonte: <https://www.portalo1hardinamico.com.br/noticia/1050/para-descobrir-gastronomia-maranhense-influencia-negra-por-jeiane-costa>

2.1. O Calundu Angola-Congo na Bahia

Amin (2009), traz em seus estudos, um dado do historiador João Reis, do que pode ser considerado como o primeiro registro escrito do termo: Candomblé no Brasil, este aparece como “Calundu” e depois como “Batuque”. Em

1807, um escravo angolano, conhecido por Antônio, foi autuado como presidente de um terreiro de *Candomblé* [esse foi termo utilizado para designar os Calundus e os Batuques] na região de Canavieirase e de São Francisco do Conde. [...] assim, a palavra candomblé no Brasil é um termo originado dos descendentes do *Bantu/Banto*. (AMIN, 2009, p. 36).

A sobrevivências dessas tradições religiosas africanas se encontram espalhadas em todo o território brasileiro, pois se existe a sua presença desde as florestas da Amazônia “até a própria fronteira com o Uruguai, é possível descobrir, no Brasil, sobrevivências religiosas africanas. [O destaque se encontra na] Bahia, com seus Candomblés.” (BASTIDE, 1978, p. 15).

O calundu, para Sweet (2003), deve ser considerado uma espécie de aglutinação de de espíritos. “A palavra calundu, seria uma variante do vocábulo quilundu, termo usado para designar qualquer tipo de espírito responsável por causar doença ou aflição.” (SWEET, 2003, p, 143-151).

E tudo começou, de acordo com Lopes (2016), quando as etnias africanas chegaram ao Brasil, suas diversas identidades escravizadas pelo homem branco europeu, para assim adquirir a mão de obra necessária a lavoura, a extração de minério e o cuidado com os animais de criatório, com a casa grande e as crianças do “senhor. Sobre esse aspecto, Moura (2014), afirma que a chegada de um quantitativo considerável de população com identidades étnicas variadas, causariam influências e mudanças significativas nos saberes e fazeres na colônia brasileira, contribuindo para a formação da própria identidade brasileira.

Os antagonismos sociais, econômicos e étnicos verificados nessa época, as convergências e divergências ideológicas e de comportamento que surgiram nessa sociedade são, fundamentalmente, decorrentes das posições estruturais e do dinamismo dessas duas classes no espaço social. (MOURA, 2014, p. 36).

Baseando-se em elementos culturais dos povos africanos que foram desembarcados aqui no Brasil e da complexidade e diferenças entre os povos, Maloji (2017), assinala que o destaque de dois grandes grupos étnicos: os Sudaneses e os Bantus. Os Sudaneses, originários da África Ocidental ou Golfo da Guiné, vieram das regiões da Nigéria, Gana, Togo, Daomé e Costa do Marfim. O seu ponto de desembarque aqui no Brasil, foi a cidade de Salvador na Bahia. “O grupo Bantu que veio em maior número como escravos é originário das regiões de Angola e Moçambique” (MOLOJI, 2017, p. 29). Assim sendo:

Desse lado do Atlântico, os calundus de diversas origens africanas, como a banta (das regiões ao Sul da África, como Angola, Congo, Moçambique) e jeje (da África Ocidental, atual República de Benin), por exemplo, acabaram aderindo ao catolicismo. Já o sincretismo com os cultos ameríndios deu-se apenas com os bantos. (SILVEIRA, 2014, p. 2).

Este sincretismo religioso foi uma prática, um mecanismo desenvolvido pelos escravizados trazidos de Angola ou Congo que, ao se reunirem formarem em uma

irmandade, reforçando as suas identidades afrobrasileiras. Segundo Lopes (2016), esses escravos cultuavam entidades religiosas africanas, onde era atribuídas características dos deuses de sua terra de origem em uma mistura com os santos católicos, “ao aduzir ao termo identidade a expressão “sociocultural” já estou indicando que iremos examinar um fenômeno cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que os abrigam”. (OLIVEIRA, 200, p. 7,8).

É diante desta concepção que falaremos dos precursores do candomblé Angola Congo aqui na Bahia e, especialmente, nas cidades de Ilhéus e Itapetinga.

Em 1646, quando o congolês Domingos Umbata, flagrado pelos visitantes da Inquisição na capitania de Ilhéus; a angolana Branca, ativa na cidade baiana de Rio Real nos primeiríssimos anos do século XVIII; [...] o daomeano Sebastião, estabelecido em 1785 na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano; e enfim Joaquim Baptista, ogan (uma espécie de líder de terreiro) do “culto ao deus Vodum”, no Accupe de Brotas, freguesia periférica da cidade da Bahia, em 1829 (SILVEIRA, 2014, p. 1).

Assim, Silveira (2014), traz o registro sobre africanos na cidade de Ilhéus, mostrando que aqui os escravizados conseguiram criar e dar novo significado as suas práticas, sejam religiosas ou culturais, mesmo diante da opressão católica, foi através das irmandades e confrarias que resignificaram sua existência e fé, conferindo aos seus deuses um nome cristão que fosse aceitável e possível de ser cultuado nas novas terras: Bantu - Incosi que é um Inquice; Ketu - Ogum que é um Orixá; e, Católico – que é o Ogum como representado por Santo Antônio. Diante destas ressignificações ou processos sincréticos “é possível detectar em todos eles a presença de uma única cosmologia centro-africana, aqui chamada religião dos bantos, espécie de substrato comum e base”. (DAIBER, 2015, P, 11).

A Correspondência simbólica entre os santos católicos e os orixás do povo Ketu de língua yorubana gerou uma invisibilidade e até esquecimento dos Mukixi, Akixi e Inquice - divindades dos povos Bantu. Nessa perspectiva que nasce a identidade do candomblé, que é sincrética, frente a necessidade de resignificar as divindades, para assim poderem cultuá-las. É tentando se desvencilhar da objetificação dos conceitos de identidade e diferença e sincretismo que apresentamos a história da Nação do candomblé Angola da raiz Tombenci da cidade de Ilhéus-Bahia e da cidade de Itapetinga-Bahia, por pertencerem ao mesmo grupo étnico, porém separados pelo espaço geográfico.

Logo, a identidade étnica não seria, portanto, simplesmente um conglomerado de sinais diacríticos fixos (origem, parentesco biológico, língua, religião etc.), mas um processo histórico, dinâmico, em que esses sinais seriam selecionados e reelaborados em relação de contraste com o

“outro”. Como sugere Carneiro da Cunha, “a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente mas adquire uma nova função, essencial e que se acrescenta às outras, enquanto se torna uma cultura de contraste”. (PARÉS, 2013, p. 15).

São esses processos históricos, que nos mostra que o Estado da Bahia é a “África Negra” fora do continente Africano e com essa força vai implantando, também, os seus conhecimentos religiosos.

Os habitantes da América portuguesa – índios, africanos, portugueses, escravos [escravizados] e livres – deveriam ser todos católicos. Dessa forma, para garantir que o catolicismo fosse amplamente praticado, a Santa Inquisição também chegou ao Novo Mundo, demonstrando que a Igreja levava muito a sério a obrigação de cuidar de seu “rebanho” e assegurando-se de que ninguém desviaria dos propósitos divinos. No entanto, africanos e indígenas souberam ler as entrelinhas das mensagens que eram pregadas, ressignificando práticas religiosas como forma de resistência. Em alguns casos, como nas irmandades negras, tais práticas pareciam conviver com o sistema escravista, mas, em outros, a escolha religiosa não só criou um “catolicismo mestiço” – que, até hoje, pode ser visto em uma série de manifestações culturais brasileiras – mas também transformou-se em ferramenta efetiva de luta e resistência dos mestiços da América portuguesa. (LOPES, 2016, p. 38-39).

Em 2017, pela pesquisa de opinião da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), muitos se autodeclaravam de cor preta ou parda, ou seja, “8 (oito) em cada 10 (dez) moradores de Salvador eram negros” (IBGE, 2017, on-line). Uma “África Negra” fora do continente africano, vai trazendo toda uma complexidade do fenômeno religioso que, diante de muita luta, rompe com o estabelecido.

2.2. O Terreiro Tombenci Fé E Razão (Salvador – Bahia)

“Onde vai lage grande? Onde vai lage grande? Eu vou ali, vou no javá, vou vê quem me adora, minha princesa sinhá.” Zuela cantada pelo Caboclo Lage grande do Sr. Bernadino.

Assim, vale resaltar: “E aqui é essencial frisar que toda e qualquer religião é fruto de sincretismos entre práticas e crenças anteriores”. (FERRETTI, 2006; 2013 apud NASCIMENTO, 2017, p.7). O candomblé de origem Congo-Angola Tombenci⁸ de Maria

⁸ A palavra *Tumbensi* é de origem Kimbundu, no entanto, a grafia utilizada em Itapetinga é *Tombenci*. Cabe alertar ao leitor que por um respeito a sua origem, não deve se usar as letras C e I, por esse motivo aqui esse pesquisador continuará a trazer a palavra com origem do candomblé Angola. O significado dessa palavra é casa/raiz, pedaço de chão terreno ou local (Dicionário, 2018, *online*).

Genoveva do Bonfim, não fugiu à regra. Deste modo, durante muito tempo a história e a memória dos povos Bantos, registra que

[...] milhares de negros vindos de várias partes da África aportaram em terras brasileiras, principalmente na Bahia e, como explica o historiador João José Reis, o maior número desses pertencia ao grupo do tronco linguístico banto na África Centro-Occidental, que inclui as regiões do Congo, Angola, Moçambique. No interior de cada uma dessas regiões contam-se dezenas de grupos étnicos que vieram para o Brasil no período colonial e imperial até o fim do tráfico, em 1856. (COSTA, 2018, p. 34-35).

Trazidos e escravizados os negros da Bahia, teve suas práticas religiosas invisibilizadas pela nagocracia. Salvador virou sinônimo de cidade do purismo africano pós diáspora. Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edison Carneiro, Roger Bastide, quando se dedicaram em pesquisar a cultura dos povos africanos de origem Ketu de língua yorubana, signficou a presença dessa etnia na Bahia como verdadeira África simbólica.

Segundo Castro, do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando o tráfico transatlântico foi declarado extinto, a cidade da Bahia passa a receber, em levadas numerosas e sucessivas, um contingente de povos procedentes da Nigéria, em consequência das guerras interétnicas que ocorriam na região. Entre eles, a presença iorubá foi tão significativa que o termo nagô na Bahia começou a ser usado indiscriminadamente para designar qualquer indivíduo ou língua de origem africana no Brasil. Já no século XIX, na última fase do tráfico transatlântico, quando esse foi intensificado entre os portos da Bahia e da África Occidental, Nina Rodrigues, na sua obra seminal “Os africanos no Brasil”, documenta uma dezena de palavras de cinco línguas faladas na região do golfo de Benim (tapa, grunche, fulani, jeje-mahi, hauçá) de que ainda se lembravam de alguns de seus representantes na cidade do Salvador. (CASTRO, Apud COSTA, 2018, p. 35).

O que faltou foi pesquisas que também pudesse trazer a diversidade étnica, cultural, linguística e religiosa que os cercavam, através das diversas ressignificações que os africanos de origem Banto, organizados através dos candomblés de Angola/Kongo, constituíram em solo brasileiro, baiano, que influenciaram na formação da identidade afro-brasileira, tanto na língua, música, culinária, modo de compreender a percepção de Deus, o qual os Bantos denominam de Nzambi(Umzambi).

Assim, se constitui na Bahia segundo o nosso entrevistado Sr. Raimundo Nonato⁹, Taata Kommannanjy (2021), presidente da ACBANTU, que organizou em 2002 na cidade de Salvador na casa de Angola, evento denominado, “Kizomba Bantu: Os terreiros de

⁹ Entrevista realizada na sede da Acbantu na cidade de Salvador -Bahia, em 12 de maio de 2021. Entrevista de 49 minutos.

Angola em Salvador”. Nesse encontro conseguiu-se identificar as seguintes famílias ou raízes de tradição Angola/Kongo

[...] cinco grandes famílias, sendo a primeira delas a Amburaxó, do Sr. Miguel Arcanjo de Souza; a segunda, família Tumbenci de Maria Neném, Sra. Maria Genoveva do Bonfim; a terceira, família de Mariquinha Lembá [Paquetã], a quarta, família, Congo, de Gregório Makwende e a quinta, família Goméia, do Sr. Joãozinho da Goméia - Tatá Londirá. (COSTA, 2018, p. 78).

É na cidade de Salvador, a qual se constituiu o berço da religiosidade Angola/Kongo também a família/raiz Tumbenci que ali, se organizou e denominou-se religiosamente como, Terreiro Tumbenci Fé e Razão,

[...] uma das primeiras casas de Candomblé Angola fundada em Salvador, no bairro do Beiru, em 1850, pelo Tata Kimbanda Kinunga Roberto Barros Reis. Com a sua morte, assume o Terreiro, em 1909, a Nengua Twenda Kwa Nzambi, Maria Genoveva do Bonfim conhecida como Maria Nenê. Em Kimbundo, Nenê significa a Grande. (COSTA, 2018, p.19).

A primeira casa de Candomblé de nação Angola foi fundada em 1850 por Roberto Barros Reis, cuja Digina seria “Kimbanda Kinunga”, após a sua morte o Mameto Twenda Kwa Nzambe (Maria Genoveva do Bonfim), mais conhecida como Maria Neném teria assumido o Terreiro em 1909. Porém, oficialmente o registro de compra (ANEXO 3) do terreno no qual se localizou o terreiro, foi adquirido por Maria Genoveva do Bonfim no ano de 1944, ano anterior a sua morte na cidade de Salvador-Bahia, no dia 21 de Abril de 1945, sendo enterrada no cemitério Quinta dos Lázaros.

E mesmo com a repressão policial e os ataques da imprensa ao candomblé de Maria Genoveva do Bonfim, conhecida religiosamente como Tuenda dia Zambi conseguiu, ganhar prestígio e respeito dentro de Salvador-Bahia, vindo a falecer segundo a certidão de Óbito (ANEXO 4), que consta no livro de registro de óbitos nº C 63, no dia 21 de Abril do ano de 1945, as 13:00 horas.

Sanlietamos que nas religiões de matrizes africanas a morte não é vista como fim, mas como continuidade, tornar-se-á um antepassado a ser cultuado, assim como, um ancestral que continuará a ser lembrado e homenageado continuamente na vida diária do terreiro. Sendo assim, como pesquisador e iniciado no candomblé Angola trago as seguintes interrogações: se não era permitido abrir casa/terreiro de candomblé, como funcionou essa casa desde 1850 e como foi passada essa herança? Só havia essa filha de santo para herdar? Com o falecimento de Tata Capiexi, muita gente, ainda viva, participaram do mukondo dele. Depois do luto o que foi feito com os santos dele e os dela, após a sua morte? Em todo

candomblé há uma hierarquia e estrutura familiar, onde estariam os irmãos e irmãs de santo de Maria Genoveva do Bonfim?

Como essas questões demanda novas investigações, cabe afirmar que a perseguição policial e da imprensa aos cultos de matriz africana na Bahia foi ponto em comum quando se estuda o tema. Porém a iniciação de Maria Genoveva do Bonfim é inquestionável, pois, segundo o Tateto Katuvangesi (2021), da Ilabantu em entrevista a este pesquisador nos conta:

O Terreiro de Maria Neném funcionou na travessa Nó de Pau, no bairro da fazenda grande em Salvador-Bahia. Mas com o falecimento dela, o filho de criação dela, sr. Manoel Boiadeiro, abriu um terreiro dizendo que era o Tumbensi, mas com a morte de Maria Neném, os santos dela ficou com Sr. Antônio Ângelo dos passos e a Sra. Maria José. Antônio Ângelo dos passos a dijina era Monaseguê diapemba, conhecido como seu turrico, e Dona Maria José Passos era a esposa dele Kota Kajamucongo, pais carnais de Nenguá Lembamuxi. Então os Santos de Maria Nénem não foram despachados, ficaram sob a guarda desse casal que para onde eles foram levaram os Santos de dindinha, como Maria Nénem era conhecida e carinhosamente chamada pelos mais próximos, mais íntimos. Inclusive isso foi lembrado por tia Sosó que conviveu com Maria Nénem e que está viva, lá no quilombo cabula. Mas existem pessoas que afirmam que os santos de Maria Nénem foram despachados, porém foram despachados os santos de Manoel Boiadeiro, filho adotivo de Maria Nénem, inclusive o filho de Kota Direcí, a Sr^a Lêda, foi quem estava no mukondu do Sr. Manoel Boiadeiro e lá foram despachados somente os Santos dele. Maria Nénem de fato não inaugurou o Terreiro existente no Beiru, porém foi ela que comprou e construiu, ali foi tocado o mukondu dela. E lá estão os Santos dela, são assentamentos que não é da nossa época. (Entrevista Katuvangesi, 2021, 5 minutos.)

Com a morte de Maria Genoveva do Bonfim, o Terreiro Tumbenci situado no bairro do Beiru, cidade de Salvador-Bahia, fica fechado por tempo indeterminado, vindo posteriormente ser reaberto pela Mameto Lembamuxi, sendo zelado por ela até a presente data e tendo por calendário de festividades as seguintes datas:

Durante o ano, festeja-se em abril o dia de Ungira, o guardião da casa. Em junho, reza-se a Santo Antônio durante três dias - 11, 12 e, no dia 13, é realizada a festa de Incoce, ou seja, é oferecida à comunidade uma feijoada. No final de julho, festeja-se o Caboclo Pedra Preta, que comanda toda a administração do Terreiro Tumbenci, e as Caboclas de Maria Neném, que são Kisanga, Etiamungongo e Mandaréa, com oferendas de flores e presentes. Em 10 de agosto, é a festa do Inquice Tempo, observando-se que o terreiro tem a bandeira branca na qual fica a morada de Tempo. A festa de Kavungo, que é o dono do terreiro, sempre acontece em agosto. (COSTA, 2018, p. 24).

Mesmo falecidos, os antepassados continuam membros ativos e atuantes do grupo

familiar e da comunidade dos vivos a que este pertenceu, esta é a tradição do candomblé Angola, essa é a tradição Tombenci.

2.3. Mameto Quizunguirá e a expansão do Tombenci

Terreiro de Santa Luzia Tombenci Filho Fé e Razão – Salvador -Bahia. Mameto Quizunguirá e seus filhos de santo.



Fonte: Tata Kambondo Arnaldo/ dijina: Guejeburi

Como mostra a foto número 19, o Terreiro Santa Luzia Tumbenci Filho [Fé e Razão], ficava “situado na Avenida Hilda, no bairro de Pernambués, em Salvador-Bahia da Mameto Marcelina Plácida da Conceição (Mãe Maçu), filha de santo da Mameto Maria Neném, cuja a dijina era Quizúnguirá” (COSTA, 2018, p.22). Com a morte de Maria Genoveva do Bonfim, o Terreiro Tumbenci do Beiru não constitui uma nova liderança, ficando fechado por anos, sendo reaberto pela Mameto Lembamuxi que, nasceu no dia 09 de Abril de 1904

em Salvador – Bahia e mesmo antes de ser iniciada já tinha seu terreiro em funcionamento no bairro de Pernambues, em seguida migrando para o bairro Boca do Rio/Caxundé – Salvador-Bahia.

Mameto Quizunguirá dá continuidade a sua missão como mãe de “santo”, levando o candomblé Angola/Kongo, raiz Tombenci para o sul da Bahia (Ilhéus), dando as obrigações religiosas a Mameto Bandaneluga (Izabel Rodrigues Pereira), do Terreiro de Sant’ana Tombenci Neto Fé e Razão e ao Tateto ria Nkisi¹⁰ Katurazambi (Nerisvaldo Lourenço da Silva), Terreiro de São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão, sudoeste da Bahia (Itapetinga).

O candomblé se insere neste estudo como fator de manutenção de identidade e preservação dos conhecimentos desse universo cultural, marcado por uma diversidade de experiências culturais negras, com seus mitos, seus rituais, seus símbolos e sua linguagem sagrada recriada em terras brasileiras. Sua tradição é mantida e, ao mesmo tempo, ressignificada no seu cotidiano. (COSTA, 2018, p. 29).

Como mencionando por Costa (2018), o terreiro Tombenci de salvador, que atualmente está sob a tutela da Mameto Geurena dos Santos, cujo nome religioso é Mameto Lembamuxi, filha do Inquice Lemba, luta pela preservação dos seus símbolos e memória, assim como, os demais terreiros de candomblé da Bahia e do Brasil, também, tem buscado resgatar e preservar suas histórias, acervos, saberes e fazeres.

O mesmo esforço e determinação são encontrados no Terreiro Matamba Tombenci neto Fé e Razão da cidade de Ilhéus-Bahia, no qual existe um museu com acervo que conta a história e preserva a memória dos seus ancestrais, saberes e fazeres. De Ilhéus após o falecimento de Izabel Rodrigues Pereira (Mameto Bandaneluga), Mameto Quizunguirá se desloca para a cidade de Itapetinga, para entregar, como mostra a foto abaixo, o Sakafunã a Nerisvaldo Lourenço da Silva (Tateto Katurazambi). Mameto Bandaneluga era a mãe de “Santo” de Nerisvaldo, mas a entrega somente ocorreu quando ele completou a idade de receber os diretos de exercer a sua função religiosa.

Entrega do Sakafunã de Tateto Katurazambi por Mameto Quizunguirá.

¹⁰ *Tateto-de-nkisis e Tata Nkissis*, são palavras utilizadas no Candomblé Angola para designar o nome daquilo que no Brasil foi tratado como pai-de-santo, zelador de santo, com o mesmo significado de *babalorixá* do Candomblé *Ketu* (Dicionário, 2018, *online*).



Fonte: Livro Do Lado do Tempo – O Terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilheus, Bahia).

Mamento Quizungirá retorna para Salvador para dar continuidade e zelar pelos seus filhos e filhas que lá ficaram, vindo a falecer de causas naturais em 19 de novembro de 1986,

com 82 anos, sendo sepultada no Cemitério do Campo Santo, cidade de Salvador - Bahia. Deixando sua filha biológica Cecília Plácida Reis da Silva para tomar as decisões sobre a continuidade do Terreiro de Santa Luzia Tombenci Filho Fé e Razão.

2.4. Tombenci em Ilhéus-Bahia

Terreiro Matamba Tombenci Neto Fé e Razão – Ilhéus -Bahia



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

Em Ilhéus, como fica visível na foto acima, o “povo de santo expressa estilo e formas próprias de ser afro no Brasil. [...] necessidades religiosas, sociais e políticas mostrando uma maior valorização da memória [...] africana, como forma legitimadora dos terreiros” (LODY, 2006, p.5). Nos relatos de Mameto Mukalê (2016), a vida religiosa da sua família, dar-se antes do contato com a raiz/família Tombenci da cidade de Salvador, de Maria Neném, mas

iniciado com sua avó Tiodolina Félix Rodrigues, conhecida por Yiatidu, sua dijina⁷, vinda da cidade de Castro Alves-Bahia. Yatidu começou a desenvolver suas funções religiosas em um local de nome Catongo, o qual denominou posteriormente como Aldeia de Angoro, na cidade de Ilhéus-Bahia.

Vale à pena ressaltar que o Terreiro Matamba Tombenci Neto, dirigido hoje por Mameto Mukalê (Mãe Ilza Rodrigues), localizado em Ilhéus (Bahia), é, de fato, um terreiro originário da casa de Angola mais antiga da Bahia, quer dizer, o Terreiro Tumbenci. Em 1946, Izabel, irmã de Tatá Gombé, completou suas obrigações com Mameto Kizunguirá, filha de santo de Maria Neném, a fundadora do Terreiro Tumbenci em Salvador. Izabel Rodrigues Pereira, a famosa D. Roxa, ou Mameto Bandanelunga, assumiu, então, a condução da casa, que agora passaria a ser chamada Terreiro de Senhora Sant'Ana Tombenci Neto. D. Roxa se tornou uma das mais importantes mães de santo da história de Ilhéus e de toda a Bahia. Em 1973 faleceu. Dois anos depois, em 1975, sua filha, Ilza Rodrigues, dando continuidade ao seu trabalho, passou a conduzir o terreiro. Até hoje o terreiro existe, inclusive tem um memorial contando sua história. (COSTA, 2018, p. 94).

Foi com a vinda de Mameto Quizunguirá para o Interior da Bahia, que o candomblé Angola Tombenci Fé e Razão começou a se disseminar, criando raízes. Sendo através da sua primeira iniciada na cidade de Ilhéus, a senhora Izabel Rodrigues Pereira, religiosamente conhecida, por Mameto Bandaneluga, o seu início temporal.

Izabel Rodrigues Pereira. Ela nasceu no dia 2 de setembro de 1910, em Castro Alves, e era conhecida por todos por seu apelido de infância, Roxa, Dona Roxa: Era assim que todo mundo a chamava. E, como eu contei antes, minha mãe fez suas primeiras obrigações com Hipolito Reis, o Dilazenze Malungo. [...]. Desde mocinha, minha mãe começou a receber esse caboclo, Seu André Caitumba, um boiadeiro que continua comigo até hoje. Até hoje ele responde no jogo. Eu nunca quis me separar dele. Ele era, e ainda é o puxa folha da casa. [...]. Foi desde muito cedo que minha mãe começou a receber esse caboclo. No início, ela nem sabia o que era e dizia que se sentia estranha, que de vez em quando dava aquelas coisas. Como ela não sabia o que tinha, falou com tio Euzébio, que então junto com Dilazenze Malungo, deu aquele bori nela. Aí ela começou a trabalhar com ele. Mais tarde, um pouco antes do meu tio falecer, ou cufar, como a gente diz no candomblé, ele disse para a minha mãe, que virava muito no santo, ficava virando toda hora: “Roxa, você tem que completar suas obrigações, ou seja, você tem que raspar o santo, porque eu e Hipolito Reis só damos um bori pra você. Você tem que procurar alguém, quer dizer, você não: o santo é que vai decidir. Você tem que raspar pra depois poder receber o sacafuna, abrir sua casa e tocar o seu nome pra frente, juntamente com as outras pessoas (MUKALE, 2016, p. 35).

O Terreiro Matamba Tombenci Neto Fé e Razão, atualmente, sob a Liderança da Mameto Mukalê, filha da Inquice Matamba, mantém os ritos e celebrações tal e qual lhes foi ensinado por sua antecessora, a mameto Bandanelunga.

2.5. Tombenci em Itapetinga-Bahia

Terreiro São Lázaro Tombenci Neto Fé e Razão – Itapetinga -Bahia



Fonte: Acervo Particular do pesquisador.

Como traz a fotografia acima, temos o registro do Terreiro São Lázaro Tombenci Neto Fé e Razão situado em Itapetinga. Segundo Aguiar (1999), é na primeira metade do século XVIII que teve início a ocupação do Sertão da Ressaca e as origens da colonização da região, na qual Vitória da Conquista e Itapetinga encontram-se inserida.

Para a conquista da região vizinha, Pedro Leolino Mariz, superintendente das Minas, formou uma bandeira, entregando a direção a André da Rocha Pinto, em 25 de junho de 1727, ao qual conferiu um 'Regimento' de caráter extremamente militar. O objetivo da bandeira era explícito naquele regimento: conquistar o sertão entre os rios de Contas, Pardo e São Mateus, encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que se opusessem à conquista, estabelecer aldeias e destruir quilombos que fossem encontrados. (AGUIAR, 1999, p.40).

É nesse contexto de conflitos e matança que se constitui a cidade de Itapetinga, cuja urbanização provocou a diziminação dos povos indígenas Mongoió/kamakã, a dominação dos colonizados da região pelos coroneis do gado. No entanto, a religião de matriz africana,

o candomblé e a umbanda preservou e acolheu muito das práticas dos povos indígenas na citada região. O Candomblé Angola raiz Tombenci chega em Itapetinga pelas mãos de Nerisvaldo Lourenço da Silva quem fundou o Terreiro São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão:

Katurazambi é uma pessoa que eu vim conhecer eu tinha uns 10 anos de idade, então provavelmente deve ter uns 55 anos que eu o conheci, o nome civil dele é Nerisvaldo Lourenço da Silva, ele nasceu no dia 31 de novembro de 1940, natural de Itapitanga no sul da Bahia. , inclusive o caboclo dele, Andaraí, completava aniversário na mesmo dia, e o caboclo falava que “quando katurazambi fosse embora desse mundo, ele iria também, e não incorporaria em mais ninguém”. Pareciam que os dois eram gêmeos.

Com 7 anos de idade Nerisvaldo incorporou pela primeira vez com esse caboclo Andaraí, tanto que a família dele achava que era alguma doença, pois ele era muito novo, muito criança. Depois de um tempo ele conheceu um zelador de santo em Ibicaraí, por nome Irineu, eu não o conheci lá, mas foi lá que ele começou os primeiros trabalhos e recebeu a dijina de Azoani. Depois dessa iniciação ele veio para Itapetinga, e ainda muito moço já raspava gente mais velha de idade, a Tonha que foi a primeira a ser iniciada no santo por ele.

Provavelmente foi entre 1950 e 1960 que houve uma revolução no candomblé em Itapetinga com ele e com as pessoas que estavam com ele. Com um tempo e as intuições e o Santo preparando-o. Foi quando ele conheceu o Terreiro de Senhora Santa’Ana, na cidade de Ilheus-Bahia, foi lá que ele veio a bolar, naquela época o Terreiro de Senhora Santa’Ana não se raspava homem, ele foi o primeiro homem a ser raspado lá. Então a Mameto Bandanelunga do Terreiro de Senhora Santa’Ana, que iniciou ele e deu a dijina de Katurazambi. E ele assim deu continuidade a seu ministério aqui em Itapetinga através do Terreiro de São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão que já existia. Ele foi uma pessoa muito importante dentro da religião, aqui em Itapetinga ele era muito conhecido, varias pessoas importantes frequentava o terreiro de São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão, as festas de Santo eram sempre cheias, e ele tinha muitos filhos e filhas de santo aqui em Itapetinga, São Paulo e Rio de Janeiro, ainda existe filhos dele espalhados pelo mundo. Katurazambi era um homem muito a frente de seu tempo, aqui em Itapetinga tinha os micaretas[carnaval] e ele organizava o bloco afro chamado O cordão de Nerisvaldo, que saia daqui do Terreiro de São Lazaro os filhos e filhas de santo, todo mundo bem vestido com suas roupas de santo, as baianas, as bandeiras, os atabaques e íamos todos abrir o micareta.

Katurazambi veio a falecer muito jovem com 50 anos , no dia 30 de Novembro de 1990. Ele faleceu em São Paulo, porém foi sepultado aqui em Itapetinga no cemitério parque da eternidade, pois foi aqui que ele iniciou o primeiro terreiro de candomblé. (ENTREVISTA DE TATA JORGE – TERREIRO SÃO LAZARO TOMBENCI NETO FÉ E RAZÃO ITAPETINGA-BAHIA. 2020).

Katurazambi então dá prosseguimento a sua vida religiosa, através do Terreiro Fé e Razão São Lazaro Tombenci Neto Fé e Razão, no qual inicia vários filhos e filhas de santo. Uma de suas filhas recebeu a dijina de Tawanire (Maria Eliane Pereira da Silva),

posteriormente, cumprindo seus preceitos religiosos e concluindo o tempo necessário, se torna uma Mameto de Nkisi, abre o seu próprio terreiro da mesma raiz, Tombenci Bisneto, em Itapetinga como traz a imagem a fotografia a seguir. Seguindo caminho semelhante, inicia filhos e filhas de santo, entre os quais se destaca aquele que recebeu a dijina de Lembá Ceremim (Claudionor Silva Pires):

Sou Claudionor Silva Pires, nasci no dia 19 de Outubro de 1965, fui iniciado no candomblé Angola Tombenci, pela Mameto Tawanirê, (Maria Eliane Pereira da Silva), que foi iniciada por Tateto Katurazambi, (Nerisvaldo Lourenço da Silva) e ele por Mameto Bandanelunga, (Isabel Pereira Rodrigues). O ano de minha iniciação foi 20 de janeiro de 1982, sou iniciado para o santo Lembáringanga. E minha história no candomblé começou assim, com 12 anos de idade tive muito problema de saúde aí me levaram para um terreiro de umbanda o pai de santo fez o que tinha de fazer e falou que meu santo era de candomblé, aí me levou a fazer uma visita na casa de Tawanirê , chegando lá eu bolei, era festa de janeiro estavam tocando pra oxossi, me recolheram e eu fui iniciado no santo. (Entrevista de Claudionor Silva Pires – TERREIRO ILÊ AXÉ OXALÁ TOMBENCI NETO FÉ E RAZÃO ITAPETINGA-BAHIA. 2020).

Terreiro Ilê Axé Oxalá Tombenci Bisneto – Itapetinga-Bahia.



Fonte: Acervo do Autor e pesquisador - 2020

Claudionor Silva Pires, por sua vez, após cumprir o tempo necessário, se tornou Tateto de Nkisi, fundou o seu terreiro da mesma raiz em Itapetinga iniciando filhos e filhas de santo, dentre os quais, destacamos a voz e a fotografia do candomblé, daquele que recebeu a dijina de kajá Lembaci, (Eudes Reginaldo da Silva):

Sou Eudes Reginaldo da Silva, nascido no dia 12 de fevereiro de 1985, minha dijina é kajá Lembaci, fui iniciado por Lembá Ceremin, que foi iniciado por Tawanirê e ela foi iniciada por Katurazambi, por isso somos

Angola Tombenci. Sou do Inquice Lembá, tenho 33 anos. Eu era evangélico, mas sentia ancestralidade me chamando, pois meus tios eram de umbanda. Então fui iniciado no candomblé Angola, seguir meus preceitos e paguei minhas obrigações, tenho hoje 14 anos de iniciado, algo que me marcou bastante porque assim, quando eu comecei no meio do nada, quando passou uns tempos eu já tava com o terreiro uma casa já comprada então ali eu vi que ter fé no Inquice no orixá tudo há possibilidade e os caminhos se abrem, eles abrem as portas da gente sem a gente esperar. Isso marcou muito por que quando você é um Iaô, e depois assim ver ali que você conseguiu ter uma casa que é muito difícil ainda mais aqui dentro de Itapetinga , isso marcou e toda vez que eu vejo que tô desanimado eu lembro da situação que eu passei e conseguir, por que ele sempre dá força pra gente conseguir alguma coisa . Hoje o Terreiro está aberto desde 2003, e se chama, terreiro Kajá Lembaci Tombenci Tetranelo Fé e Razão, aqui em Itapetinga-Bahia. (Relato de Eudes Reginaldo – TERREIRO KAJÁ LEMBACI TOMBECI TETRANETO FÉ E RAZÃOITAPETINGA-BAHIA. 2020).

Terreiro Kajá Lembaci Tombenci Tetranelo Fé e Razão – Itapetinga-Bahia.



Fonte: Acervo do Autor e pesquisador - 2020

Ou seja, revelamos o que encontramos durante o período de nossa investigação. A partir das respostas dos nossos recordadores alcançamos a compreensão sobre a entrada do Candomblé Angola Tombenci na cidade de Ilhéus e Itapetinga-Bahia, bem como, seus aspectos e influências na formação da identidade afro-brasileira.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Ao mesmo tempo, nessa pesquisa com a memória foi possível desvelar o sincretismo religioso existente para os adeptos do Candomblé Angola Tombenci em relação ao Candomblé de Origem Ketu (Orixás) e as ressignificações com os santos católicos. Nesse sentido, que exporemos aqui as nossas análises de dados.

3.1. Os Inquices e os Orixás no Candomblé Angola Tombenci

Segundo Hasselman (2019), no caso do candomblé de nação Angola, fazemos apontamentos dos saberes construídos e do entendimento que os próprios intelectuais construíram, a cosmovisão de origem banto que emerge dessa nação, isto em oposição à estrutura organizacional e religiosa queto/nagô. Cabe aqui trazer como acontece o processo religioso bantu.

Eu ia fazer 4 anos de idade quando eu fui feita, aí o que acontece, tem muitas coisas que eu não lembro, quando na verdade eu já vim ter um entendimento mesmo de verdade eu já tava uma mocinha; tava grandinha foi quando realmente eu me dediquei, eu fui obrigada entre aspas a fazer por conta da minha saúde, aí assim depois disso mainha também não forçava, por que eu tinha que fazer por causa da minha saúde. Mais mainha falou assim, deixa ela ficar mais grandinha, crescer mais um pouco pra ver; e aí foi o que aconteceu fui ter o conhecimento, me jogar de cabeça já tava mocinha. (Recordadora Santana Bárbara - TOMBENCI ILHEUS, 20 DE OUTUBRO 2020).

A recordadora do Tombenci de Ilhéus relata sua iniciação aos 4 anos de idade, mesmo sem ter o entendimento do que significava pertencer ao candomblé, mas que por motivos de saúde sua mãe a iniciou nos ritos e saberes do candomblé Angola Tombenci. O que há de relevante na fala e na vida religiosa da recordadora é a idade de sua iniciação aos 4 anos. Dentro da hierarquia e ritos candomblecistas, independente de nação (Ketu, Jeje, Angola) é algo simbólico e representativo, pois a mesma possui uma vivência prática dos ritos, saberes e fazeres dentro do candomblé Angola Tombenci.

Dentro do Terreiro Angola Tombenci de Ilhéus-Bahia as nomenclaturas que são usadas são

orixá, Inquice até pode falar mais assim vodum eu não sei por que não tenho conhecimento, mais assim aqui mesmo no terreiro é dividido tipo os

mais velhos do terreiro mesmo, eles falam orixá por causa daquele tempo mais antigo; aí os mais novos que estão entrando agora, eles já falam Inquice as pessoas vão ver que existe associação entre orixá e Inquice aí tem muito essa mistura e assim no meu haver eu não acho muita diferença é só essa coisa mesmo da nação, acho que todos na verdade são os encantados são as entidades, mais no meu conhecimento existe uma diferença também entre orixá e Inquice, assim muda por conta que no ketu eles usam os orixás aí o pessoal veio na angola a gente já veio mais pelos Inquices isso é no meu haver. (Recordadora Santa Bárbara - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro 2020).

Sobre a nomenclatura utilizada, outro recordador respondeu que “no meu ponto de vista é uma coisa só, que a gente quando busca o Inquice, orixá, vodun, a gente trabalha na intimidade, pra mim é uma coisa só, só muda o nome”. (Recordador Senhor do Bomfim - TOMBENCI ITAPETINGA, 6 de novembro, 2020). Mediante as respostas dos recordadores (Ilhéus-Bahia e Itapetinga-Bahia) podemos constatar o sincretismo (similiralidade) entre as divindades do panteão Yorubano, os Orixás com as divindades do panteão Bantu, os Mukisi, ocasionando, assim, uma resignificação entre as divindades de panteões distintos, porém que são cultuadas e estão presente no candomblé Angola Tombenci.

Outro fenômeno marcante é a presença dos Santos e rezas Católicas:

Assim como eu te falei minha avó era católica também né, ela tinha o oratório que era dela por conta do catolicismo naquela época ela cultuava os santos da igreja mais dentro do terreiro era o ogum tipo ela cultuava o oratório dela o santo católico e cá os orixás mesmo então assim como eu posso lhe dizer; é que pra mim não tem diferença por que tipo é uma forma que naquela época as pessoas tinham de cultuar seu orixá como não podia cultuar ele diretamente eles eram praticamente obrigados a encontrar um meio e aí acabava adorando e que eram obrigados mesmo a cultuar aquele santo católico ali. (Recordadora Santa Barbara - TOMBENCI ILHEUS, 2019).

Semelhante ao recordador a seguir temos a seguinte posição:

O dia a dia já começa pela manhã que tem que tomar uma maianga (Banho) para poder acender muila (vela) para o orixá, para o Nkisi também. Tem os dias específicos que eu gosto de fazer que de segunda feira para meu pai Omolu que é São Lazaro, tem na quarta que sempre gosto de abrir pra Cosme e Damião que é os vunji, tem na quinta que é dia de caboclo, dia de kabila, dia de rezar e sempre tiro a segunda para os exus e pomba giras. (Recordador Senhor do Bomfim - TOMBENCI ITAPETINGA, 6 de novembro, 2020).

E para compreender como se orquestrou esses saberes e fazeres sincréticos dentro do candomblé Angola Tombenci que trazemos, a seguinte citação:

É conveniente distinguir a idéia de pureza, que muitas vezes foi idealizada pelos pesquisadores, da noção de tradição, relacionada com a história de

cada grupo e com a preservação de costumes e valores dos antepassados. A crítica à pureza não pode ignorar a tradição preservada em muitos grupos, como fazem alguns autores que a consideram uma invenção de intelectuais. [...]. A idéia de pureza transformou-se como vimos num mito. Para a ciências sociais, entretanto, o mito possui sempre um fundo de verdade. Achamos que a verdade do mito da pureza encontra-se nas tradições mais antigas não inventadas recentemente. (FERRETTI, 1995, p. 71).

Ao fazermos a opção por usar o significado e conceito do termo sincretismo, definido na citação supra, optamos também, pela compreensão do sincretismo como fenômeno religioso, o qual consegue absorver, interagir e integrar diversos elementos, mitos e ritos de culturas gerando um todo comum, o que nos conduz a analisar a cosmogonia Bantu.

Sendo o Candomblé Angola, tido como o primeiro a se organizar em terras brasileiras, com forte presença de elementos das tradições indígenas e católicas, visto que os africanos ao chegarem por aqui, não conseguiriam manter em plenitude seus ritos, mitos, línguas e outros elementos de cultura, bem como suas divindades, fez-se ao que tudo indica, necessária, a parceria com as nações indígenas, os verdadeiros donos da terra, sendo provavelmente, os índios quem ensinaram aos povos africanos saberes sobre a flora e a fauna nativa, possibilitando relações de troca, miscigenação e saberes, a sincretização que resultou no batuque, culto do qual nasceria o candomblé Angola.

Foi mediante essa parceria que se amalgamaram os saberes e fazeres do candomblé Angola Tombenci, dentro desta perspectiva eu perguntei a recordadora: Nos seus 44 anos de iniciada. Pra você alguém que não conheça o candomblé , chega pra você e pergunta assim, o que é candomblé? como você descreveria o que seria esse candomblé de angola? como é que é?

Se eu fosse pegar uma pessoa leiga que nunca veio em um terreiro de candomblé eu iria explicar pra poder ela entender que tem muita gente que pensa que o candomblé é o diabo, e seria uma forma de poder explicar eu ia comparar; bom você não tem a sua igreja, você não chega lá não adora os seus santos que ta na igreja, você não vai lá e não zela por eles, você não acende uma vela faz seus pedidos, suas orações. Nós aqui no terreiro também fazemos o mesmo, a gente cultua nossos orixás também, nossos Inquices a gente acende nossas velas faz nossos pedidos apruma nossas cabeças que é nosso orí, a gente vai ter a proteção dos nossos Inquices nossos orixás para seguir a vida aqui na terra [...]. (Recordadora Santa Bárbara - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro, 2020).

Já o recordador São Sebastião, do mesmo terreiro de tradição Tombenci de Ilheus-BA, nos diz:

Olha, assim, durante um período da minha vida dentro do terreiro Matamba Tombenci Neto em alguns momentos eu via os mais velhos falar muito de encantados, e eu ficava me perguntando o que seria esse encantado, anos depois eu vim entender o que seria esses encantados, e aí em um determinado momento as pessoas começou a falar muito em Inquices, orixás essa coisa ficou muito forte, fulana é de orixá tal, chegou um determinado período e aí as pessoas começaram a falar dos Inquices e aí eu comecei a entender essas diferenças do orixá do Inquice pra o que aquelas pessoas falavam de encantados e tudo comecei a acompanhar isso, e na verdade essas questões dos Inquices já estavam presentes a todo o momento, só que muitos da gente não conseguiam perceber, não pronunciava isso com muita frequência até porque a questão do orixá estava muito em evidência, mais se via as cantigas as zuelas, falavam dos Inquices muitas vezes em determinadas obrigações estava lá os Inquices presentes em tudo, mais as pessoas não tinham o hábito de falar Inquices, hoje todo mundo fala Inquices, essa diferença é uma coisa de criança e tudo, eu via que tinha uma certa diferença do Inquices pro orixá, principalmente na labuta de como cuidar enfim. Hoje a gente tem muito essa coisa da materialização, da quartinha essa coisa toda, mais aqui na época da minha avó como tinha um grande espaço de mata e tudo, eu via esses Inquices sendo cultuados em árvores em determinados pontos lá era um [...]. O pessoal fazia até hoje coisas que você faz lá com o próprio barro molda o boneco, lá o que for e ali você executa isso. Hoje mudou um pouco disso, muitas vezes as pessoas acham até que é invenção novidade tal, é como minha mãe diz eu não discuto essas coisas, fez lá deu certo então tá bom, o orixá, Inquice, vodum, aceitou está bom, então não vamos discutir isso porque o que pode ser traição na minha casa de repente não é na sua casa, e tinha alguns nkissis também que hoje eu não vejo mais, mas naquela época tinha aqui que enfim [...] o Inquice tal, exemplo samba tem uma mokota na época da minha avó viva ainda, tinha Natalice que ela é dessa Inquice samba e hoje não se vê mais.

Outra entidade também né que aí eu não sei, você vai também até me perdoar não sei nem se seria uma Inquice ou se seria uma outra entidade mais que eu sempre cresci achando que era uma Inquice é o kaipó, o kaipó que era da Dona Júlia era uma coisa mais linda do mundo que hoje eu não vejo mais, da minha vida toda andando de candomblé e tudo só vi esse kaipó, então tem algumas particularidades de alguns nkissis que tinham naquela época que hoje você não ver mais, virou coisa rara e quando aparece algum assim, mudou é igual como era, não tem aquela coisa toda, então a gente passou a chamar mais né tem essa coisa no candomblé hoje politicamente correto eu não gosto muito disso, hoje ter que chamar Inconse, Mutakalambo, Dandalunda, Kaiala, enfim então é o correto.

É o que eu falo, desde aquela época o candomblé passou por muita dificuldade continua passando, naquele período ali houve a questão do sincretismo dos santos católicos pra que a nossa religião de candomblé permanecesse na resistência, deu certo, foi bacana até um período, hoje tem quem defenda não precisa mais realmente não precisa nós do candomblé angola congo que ficamos inviabilizados durante muito período que o Ketu, nagô chegaram pareciam que só tinha essa hegemonia mais não é verdade isso tudo os nossos Inquices nossas tradições ficou um pouco escondida então o que eu faço agora, eu vou fazer o sincretismo dos orixás e os Inquices, quando chego aqui que vem gente fazer pesquisa e tal aí eu começo falando o terreiro é um terreiro de Matamba Tombenci, aí o que é Matamba Tombenci? Não, você conhece iansã seria mais ou menos isso,

aí eu vou fazendo esse sincretismo entre o que eu acho muito mais legal eu já esqueci os santos católicos lá e vou sincretizando entre as noções de candomblé, que eu acho que é o bacana e assim a gente vai ajudando a manter a nossa tradição e de uma certa forma dando visibilidade a essa nossa nação que está aqui muito antes, foram os primeiros negros a chegarem ao Brasil sendo trazidos [...] da região do congo e angola enfim, é isso aí. (Recordador São Sebastião - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro, 2020).

No candomblé de nação Angola, as divindades são chamadas de Mukixi plural de Nkisi (Inquice) o culto destina-se aos seres da natureza que, diferentemente dos orixás, não são seres divinizados, mas, elementais da natureza.

Olha por exemplo eu não vou muito a ter em questão de qualidades vou falar no geral, que eu não tenho muita propriedade vou pegar desde a minha infância até hoje, por exemplo, nós temos Unkosi que seria ogum, mais, por exemplo, desde que eu era pequeno meu avô era de ogum do cariri tanto que a tradição da feijoada de ogum aqui no terreiro é por conta do ogum de cariri do meu avô que virou tradição tem a feijoada e tudo por conta do ogum dele, tanto que quando abrir a casa cantava despachava exu aquela coisa toda para nzila mais em seguida cantava primeiro para o ogum dele o ogum do cariri aí depois ele cantava pra ogum da ronda e aí sai fazendo cantando para essas que poderia chamar de qualidade ou variações de entidades, então assim tem nzila exu, as femininas também o pessoal chama popularmente por pomba gira, em os exus e as Pombagira, nzilas tem o ogum do cariri tem o Nkosi Mukumbo, tem mutakalambo, gangobira, zazi, kaiango, bamburucema, Matamba, obá, hoje em dia tem muita essa coisa do candomblé angola e Ketu também, o pessoal fala muito em questão da pureza, e quando eu vejo os mais velhos se conversando e eu sempre fui curioso no sentido de ter paciência de ouvir pra depois saber o que falar e tudo, eles sempre falam e até hoje as vezes a gente tem roda de conversa aqui, mãe recebe Rui Polvoas, ou Dona Almerinda e eles começam a conversar entre eles falam e tudo antigamente era tão bacana eu recolhia um barco na minha casa aí tinha uma pessoa que era de tal orixá e tudo, mais minha casa era sempre Nkisi, mais assim orixá foi lá e queria ser feito lá, aí eu não sabia fazer direito aí eu chamava uma pessoa da minha confiança que era a mãe de santo tal lá que ela vinha me ajudava e fazia aqui o fértil do santo ficava lá na camarinha mesmo que feito vinha dava o nome ficava tudo aí, hoje em dia se for fazer isso é de angola é de Ketu não pode isso não pode aquilo aqui não, sempre teve pessoas que é de orixás mais foram feitos aqui, mais é o que exatamente a minha mãe fala, tipo dona Maçu quando ela passou aqui minha mãe dizia que ela conhecia tanto fundamento do Ketu quanto do angola então ela tinha conhecimento ela vai lá e fazia, e ela tinha uma amiga dela que chamava, que era da casa branca ela é de xangó não lembro o nome dela, mais enfim que era muito amiga dela que com certeza ajudava ela, obá, tem dandalunda, oxum, kaila,

kaiá, zumbá, nanã, tem os vunjis, santos crianças, Lembá, tempo catendê, angorô, kavungo, chigongo, tem os caboclos que também estão presentes, marujos. (Recordador São Sebastião - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro, 2020).

A guisa de esclarecimento sobre as palavras do autor, “se valendo dos cultos aos santos Católicos para disfarçar a prática de sua crença”, ao nosso ver esta decisão dos africanos vão além do desface, acrescentamos que, ressignificam e adotam como seus, elementos e símbolos de cultura de outros povos, incorporando-os às suas práticas religiosas até os dias atuais, ou seja, sincretizando-as.

A partir daqui começamos a desvendar sob o olhar dos pesquisadores Aguiar (2016), Siqueira (2016), Nascimento (2016) e Silva (2008), aspectos indígenas, do catolicismo popular e da Umbanda que estão estritamente ligados aos ritos do candomblé Angola/Kongo reinventados no Brasil, com elementos de cultura de outros grupos étnicos que foram ao longo do tempo, incorporados aos fazeres candomblecistas, não somente na nação Angola, mas, no Ketu e no Jeje/Nagô. Assim sendo destacamos que:

O “Auê/Toré” enquanto ritual dos Pataxós do sul da Bahia, que consiste no ato de [...], dançar em círculo, cantando e batendo palmas: O Auê é um círculo, a casa é um círculo, a aldeia é um círculo, o mundo é um círculo”: explicação de um perito da aldeia Tibá, instado sobre por que puxa as danças do Auê/Toré em círculo e faz, por vezes, meias voltas. [...]; o círculo dá-se também no tempo. [...]. No Toré, [...] quando se exibem com a “tanga”, o “casquete”, os colares, pintam e portam bordunas, lanças, arcos e maracás, tais agentes personalizam o processo identitário pataxó em sua personalidade vista por eles, pelo antropólogo e pelos seus consócios e contemporâneos como diferenciada etnicamente dos demais ao seu redor. (SILVA, apud AGUIAR, 2008, p. 71).

Frente as informações apresentadas pelo autor supracitado e relacionando-as Aguiar (1999), a observações realizadas em festas públicas de terreiros de Candomblé Angola e, até mesmo, em terreiros de nação Jeje/Nagô, ou de Ketu, com suas danças em círculo, cantando e batendo palmas, com os líderes religiosos vibrando suas maracas, ou instrumento similar, com as armas e outros símbolos próprios aos seus Inquices ou Orixás, trançado as suas vestes e cores dentre outros símbolos, parece-nos própria pergunta: as tradições aqui exibidas são de origem banto, yorubana, ou foram tomadas de empréstimo ao “Auê/Toré” dos índios Pataxós? Responder, ou tentar responder esta questão, parece dá o tom da complexidade, da qual resultou, os sincretismos presentes nos diversos terreiros e casa das divindades de candomblés, nas umbandas e em outras denominações das tradições religiosas afro, indígenas, brasileiras existentes e espalhadas pelas diversas regiões do Brasil, sobre o distico

enunciado pelos próprios líderes religiosos “cada casa é uma casa”, assim como, “cada linha com seu fuso” e cada “povo com seu uso”.

Dentro do candomblé Angola existe interferência no pronunciar de algumas palavras, que são palavras de origem Ketu, os nossos mais velhos nos ensinaram a cultuar orixá, mesmo sendo um terreiro de Angola, então nós seguimos fazendo da mesma forma que os mais velhos nos ensinaram, mas eu não vejo nenhum problema eu está em um terreiro de Angola e ouvir o nome dos orixás, dos santos, dos Nkisis. Pois o candomblé de Angola foi o primeiro a chegar aqui no Brasil, então os nossos antepassados buscaram também aprender com os donos da terra que eram os índios, os caboclos e é isso que temos hoje o candomblé de Angola. (Recordador Senhor do Bomfim -TOMBENCI ITAPETINGA, 6 de novembro, 2020).

Assim, vejamos o que dizem Verger (1975), através de Lima (2003), o que a nosso ver, ilustra, o quanto disse o recordador.

O candomblé, que é o nome dado na Bahia às cerimônias africanas, representa, para seus adeptos, as tradições dos avós que vieram dum país longínquo, fora do alcance e quase fabuloso. Tradições mantidas a duras penas é que lhes deu força de se conservarem eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo em que eram tidas suas religiões e a obrigação de participar da religião de seus senhores. (VERGER, 1957, p. 20, Apud - LIMA, 2003, p. 018).

Tanto o recordador, como Lima (2003), converge entre si, pois o recordador faz afirmação da existência de “interferências” de outras identidades religiosas no candomblé Angola Tombenci, porém em contra partida reafirma que mantem e convivem com essas misturas, por se manter fiel ao que seus mais velhos ensinaram, confirmando, assim, a existência de um duplo, ou até mesmo múltiplo pertencimento, mas que em nenhum momento entra em choque com o outro, se mantém harmônicos, parecendo justificar a expressão “a nossa pureza é a nossa mistura”.

3.1 O Panteão das divindades do candomblé Angola Tombenci

Assentamento de “Santo”(Katendê (Ossain) / Tempo (Kitembu / Incose (Ogum).



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Apesar da imensa variedade de mudanças que ocorrem nas e entre as comunidades de língua Bantu, o pertencimento a linhagem permaneceu como um elemento central da organização social e esses laços ancestrais têm importância primordial para o pensamento religioso e para a formação da família e das sociedades Bantu. É tentar compreender como, entre as comunidades de língua Bantu, as ideologias da linhagem e da religião continuaram a influenciar, na *longue durée*, os conceitos morais e sociais nos quais elas se apoiavam para o desenvolvimento de suas instituições políticas, sociais e econômicas. Elas concebiam a família e o terreno espiritual como entidades inextricavelmente ligadas. Enquanto a família incluía os seus membros vivos, mortos e futuros, o domínio espiritual compreendia um criador monoteísta, espíritos ancestrais e espíritos territoriais. (FOURSHEY; GONZALES; SAIDI, 2019, p. 92-93).

Essa ressignificação da história traz contribuições sobre a importância da cultura negra presente na vida social do brasileiro e que, durante séculos, foi negada e invisibilizada. O Candomblé de origem “Congo/Angola passou a nomear seus *Mukisis*”; essa palavra que se

encontra no plural serve para designar todas as divindades do Candomblé Angola, cujo singular é o termo *Nkisi*, que se pronuncia “Inquices”.

Para dá continuidade à análise seguimos o modelo apresentado por Augras (2008), que faz e baseia suas pesquisas sob a ótica das tradições tidas como nagô.

“A religião nagô” ensina que cada “cabeça” é feita da mesma substância dos deuses. A identificação dessa origem divina tem de apoiar-se em *corpus* mitológicos, que descreve o temperamento da divindade, sua linhagem, a força da natureza que lhe corresponde, o seu papel na comunidade e no mundo. (AUGRAS, 2008, p. 89).

São esses deuses e divindades que apresentaremos a seguir conforme os nossos recordadores nos relataram sobre o panteão do terreiro de candomblé ao qual estão filiados, “Tem Iansã tem Oxóssi tem xangô tem Omolu tem oxalá tem tempo ai vem; tem os caboclos tem os injila que são os exus e as pomba giras yemanja; oxum; angoro que é oxumaré.” (Recordadora Santa Bárbara - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro 2020).

A gente tem um calendário festivo anual, que divide entre o que chamamos de festa e obrigação, aí eu falo da questão de hoje tem as funções, ebó virou saculupemba, obrigação virou função. Temos o calendário festivo das festas grandes, geralmente é em dezembro mais por conta de muitas pessoas de fora que vem para o terreiro natal, réveillon ficava muito em cima. Aí começa o calendário em janeiro que é a festa pra Matamba que é a Nkisi de minha mãe, depois julho que seria zumbaradandá, que é nanã e Nkosi, agosto uma grande festividade que era para angorô o Nkisi do pai pequeno da casa, mas como ele está com casa aberta pode tudo só que não está sendo feito. O terreiro onde ele está liderando, setembro é zazi patrono da casa, dona Maçu era de zazi, depois meu irmão o que faleceu Bunaganga ele também era de zazi da mesma qualidade de zazi dela e todo ano tem o amalá em setembro, essas são as festas que chamamos de festa grande. Fora disso tem as festas esporádicas, ocasião que algum barco é recolhido alguém vai ser iniciado, aí tem essas festas esporádicas, chamamos de obrigações. Tem a troca de bandeira de tempo, comida de senhor tempo que geralmente é setembro/agosto, é anual, todo ano agosto próximo a de Kavungo que são próximos. Tem a de Kavungo, tudo em agosto as duas ocorrem em agosto de Kavungo. De caboclo, geralmente ela não acontece no dia 2 de julho como acontece em outros terreiros aqui acontece em setembro, final de setembro. Ficamos alguns anos sem ter essa obrigação, porque a mucamba da cabocla Jupira estava reformando. Aqui toca para caboclo na data que a cabocla jupira desceu em terra pela primeira vez. Também tem o caruru de rosas dos ventos que é a erê de mãe, acontece dia 13 de dezembro que é o dia de Santa Luzia. Antigamente acontecia a festa de Matamba, como mudou a obrigação dos eres que é com o caruru, inclusive esse ano mesmo com a pandemia vai ter, tem Sábado de Aleluia que geralmente quando abre a casa tem um corte para os nzilas da casa, são essas as obrigações. Antigamente tinham outras obrigações, com passar do tempo foi se deixando de fazer e atualmente, só faz mesmo, o que mãe fala. A obrigação maior da capanga acontece antes do mês de julho, acontece mais ou menos no dia de plantar o milho, o pessoal que trabalha na roça fica do outro lado aqui do terreiro, a os assentamentos na roça prepara a

terra para o dia da obrigação da capanga. Nesse dia todo mundo da comunidade com suas capanguinhas feitas de chitão dentro das capanguinhas com os cereais, milho, feijão, plantava isso tudo cantando, cortar para exu, fazer plantio e em junho colher o que plantou. Para obrigação do Gongga da fogueira , para xangô Airá que também é tradição aqui na casa até hoje se faz, tira o gonga; colheu o milho feijão oferecia as divindades, oferecia, fazia a obrigação na fogueira depois todo mundo comia bebia virava festa, distribuía com os membros da comunidade terminava a obrigação, a gente vinha e entrava no quarto do seu André, era o caboclo da minha avó e pendurava essas capangas, todo mundo ia entrando e tinha os procedimentos lá e penduravam essas capangas, ficavam lá até o próximo ano aí no próximo ano vinha tirava aquelas velhas dava o procedimento la e pendurava aquelas outras velhas. (Recordador São Sebastião - TOMBENCI ILHEUS, 20 de outubro, 2020).

Constatamos na fala do recordador um saudosismo do que era praticado, mas que já não se mantém na atualidade. O candomblé de Nação Angola Tombenci procura trazer em sua origem, os sincretismos, que consiste no amalgamar tanto com os Orixás Yorubanos, como com os Santos Católicos, porém essa ressignificação funciona muito bem dentro dos terreiros de nação Angola Tombenci, ao menos nos terreiros pesquisados, assim sendo, vejamos:

Há alguns poucos anos, os descendentes espirituais das religiões Congo-Angola começaram a tomar consciência do problema, a estudar e a dar visibilidade ao seu candomblé e a suas divindades (ADOLFO, 2008). O Inquice, o Orixá e o Vodum possuem peculiaridades próprias, tratamento e cultos diferenciados. As saudações e homenagens prestadas às divindades seguem uma lógica de acordo com as suas particularidades; os Inquices, com os seus correspondentes, e suas características e domínios. (COSTA, 2018, p. 107).

Para melhor claresa e sistematização, elaboramos as tabelas a seguir, com base nas informações colhidas na pesquisa de campo sobre nas casas pesquisadaas, vejamos:

Tabela 1- Divindades, Orixás, Inquices e Santo

Natureza/Atributo	Orixá	Inquice/Nkisi	Santo
Criador Supremo	Olorum	Zambi	Deus
Criador/Universo	Oxalá	Lembá	Senhor do Bomfim
Senhor da Guerra /Estradas	Ogum	Incose	Santo Antônio
Senhor da Fartura /Matas	Oxossi	Mutakalambô	São Sebastião
Senhor da Cura /Folhas	Ossaim	Catendê	
	Logun Edé	Telecompensu	

Senhor do movimento /Arco Iris	Oxumarê	Angorô	São Bartolomeu
Senhor das Pandemias/Cemitério	Omolu	Kavungo	São Lázaro
Senhor da Justiça /Pedreiras	Xangô	Zazi	São Gerônimo/ São Pedro
Senhora da Fertilidade/ Rios	Oxum	Dandalunda	Nº Sª da Conceição
Senhora das Tempestades/raios	Iansã	Matamba	Santa Barbara
Senhora dos Mares/ Mar	Iemanjá	Kaiá	Nº Sª dos Navegantes
Senhora da Morte/ Mangues	Nanã	Zumbá	Senhora Sant'Ana
Senhores da Juventude	Ibejé	Vunjé	Cosme e Damião
Senhor do Tempo	Iroco	Kitembu	São Lourenço
Senhor das Encruzilhadas	Exu	Injula/Njila	Santo Antônio
Mortos	Egúngún	Vumbi	Almas

Fonte: O próprio Autor e pesquisador. 2020

Tabela 2- Saudações, Orixás, Inquices.

Inquice / Orixá	Angola	Ketu
Injila / Exu	KIUA ALUVAIÁ NGANA'NZILA – KIUA (Viva Aluvaiá, senhor dos caminhos – viva)	Laroiê Exu
Incosi Mukumbe / Ogum	IUNA KUBANGA UM ETU – N'KOSI E (Aquele que briga por nós – N'kosi E)	Patacori Ogum, Ogum Iê
Mutalambô / Oxossi	KABILA DUILU – KABILA (Caçador dos céus – Kabila)	Okê Aro
Katendê / Ossãe	KISABA KIASAMBUKÁ – KATENDÊ (Folha sagrada – Katendê)	Euê Ô Assa, Eruejê
Kavungo / Omulu	TATETU MATEBA SAKULA OZA – DIXIBE (O pai da ráfia está chegando – Silêncio)	Atotô
Kitembo	NZARA KITEMBO –KITEMBO IO (Glória kitembo – Kitembo do tempo) ELÁ KITEMBO, TEMPO OIÔ, ELÁ MANO, ELÁ COMPADRE	
Angorô / Oxumarê	NGANA KALABASA – ANGORÔ LE (Senhor do arco-íris – Angorô hoje)	Arroboioia
Zaze / Xangô	A-KU-MENEKENE USOBA NZAJI – NZAZE (Salve o rei dos raios – grande raio)	Kawo Kabecilê
Matamba / Iansã	NENGUÁ MAVANJU – KIUA MATAMBA (Senhora dos ventos – viva Matamba)	Eparrei Oyá
Dandalunda / Oxum	MAMETU MAZA MAZENZA – KISSIMBI Ê	Ora Yeyeô

	(Oh, mãe da água doce – Kissimbi Ê)	
Telecompensu / Logunedé	MUTONI KAMONA TERE-KOMPENSO – MUANZA E (Pescador menino Tere-kompenso – rio ê)	Loci Loci Logun
Kaiá / Iemanjá	DANDALUNDA MAMETU – KAITUMBA (Oh mãe Dandalunda – Kaitumbá)	Odô Ya, Aruiamê
Zumbarandá / Nanã	MAMETU IXI ONOKA – ZUMBARANDÁ (Mãe da terra molhada – Zumbarandá)	Saluba
Wunji / Ibeji	Vunji Pafundi – Vunji E (Vunji feliz – bem-vindo)	Erê, Eremim
Lembadilê / Oxalá	KALA EPII! SAKULA LEMBA-DILE – PÊMBELE (Quietos! Aí vem o senhor da paz – Eu te saúde)	Cheu Êpa Babá
Vumbi / Egum	GIMBI GIMBI XAORÔ VUMBI TATÊ FUMATAM	Ikú Ale, Ikú Ale (nas amoreiras)
Caboclo	XETRU MARROMBA XETRU, XETRUÁ CABOCLO	

Fonte: O próprio Autor e pesquisador. 2020

Em relação as tradições religiosas de origem Bantu, vejamos o que dizem alguns autores, pesquisadores de tais tradições:

Carneiro (1991b, p. 134) descreveu os candomblés congo e angola como modalidades praticadas por negros de origem banta que esqueceram os seus próprios orixás. Ao referir-se aos candomblés de caboclo, vaticina que foi a mítica pobre dos negros bantos que, fusionando-se à mítica igualmente vulgar do selvagem ameríndio, produziu os candomblés de caboclo na Bahia (CARNEIRO, 1991^a, p. 62). Por sua vez, Prandi (1991, p. 245), ao citar algumas das entidades existentes nos candomblés de caboclo e nação angola, explica que os caboclos de pena e os boiadeiros cultuados em nações pouco ortodoxas são considerados entidades inferiores para os candomblés. (HASSELMANN Et. Al., 2019, p. 63).

Cabe salientar que quando os primeiros africanos escravizados de origem Bantu chegaram ao Brasil encontraram os homens brancos que os nominavam de africano e ou “negros da terra” em oposição aos diversos povos indígenas. Então com o passar do tempo houveram associações e trocas entre os Bantu e os povos indígenas, formando os saberes e fazeres afrobrasileiros.

Ao problematizar o papel do caboclo no candomblé baiano. Segundo a autora, a chefia da terra seria uma atribuição do autóctone, o primeiro ocupante do território. Para as sociedades tradicionais africanas, esse ocupante seria o ancestral primordial e legítimo. Conta a teórica que existe a lenda de que os africanos escravizados recuperaram seus conhecimentos ecológicos em novo ambiente geográfico, pois os indígenas colocaram à disposição dos negros suas folhas e seus saberes na manipulação. Desse modo, os africanos teriam condições de cultuar suas divindades, visto que estas dependiam de oferendas e conhecimentos da fauna e da flora para serem evocadas. (HASSELMANN, 2019. p. 66).

Menciono os povos indígenas dentro desse contexto para afirmar que houve uma troca de saberes e fazeres a qual denominei afroindígenas, no qual se constituiu o candomblé

Angola/Congo no Brasil. Assim sendo, para melhor visualização e sistematização, constituímos a tabela a seguir com a identificação do caboclo de Pena ou Couro, bem como os seus respectivos “cavalos” e cidade na qual estavam localizados os terreiros Tombenci.

Tabela 3- Caboclos/as do Angola Tombenci/Salvador – Ilhéus –Itapetinga/Bahia

Caboclo/a	Natureza	Nome Civil	Mameto/Tateto	Cidade
Kisanga	Matas e Agua	Maria Genovena do Bomfim	Tuenda dia Zambi	Salvador
Mandaréa	Matas e Mar	Maria Genovena do Bomfim	Tuenda dia Zambi	Salvador
Etiamungongo	Aguas e aos Astros	Maria Genovena do Bomfim	Tuenda dia Zambi	Salvador
Itaburanga	Matas	Marcelina Plácida da Conceição	Quizunguirá	Salvador
Sultão das Matas	Matas	Marcelina Plácida da Conceição	Quizunguirá	Salvador
Andaraí	Matas	Nerisvaldo Lourenço da Silva	Caturazambi	Itapetinga
Boiadeiro	Campinas	Nerisvaldo Lourenço da Silva	Caturazambi	Itapetinga
André Caitumba	Campinas	Isabel Rodrigues Pereira	Bandanelunga	Ilhéus
Guarani	Matas	Maria Eliane Pereira da Silva	Tawanirê	Itapetinga
Seu Trovezeiro		Izabel Rodrigues Pereira	Bandanelunga	Ilhéus
Ouro Preto		Izabel Rodrigues Pereira	Bandanelunga	Ilhéus
Jupira	Matas	Hilsa Rodrigues	Mukalê	Ilhéus
Boaideiro	Campinas	Hilsa Rodrigues	Mukalê	Ilhéus
Lage Grande	Mata	Claudionor Silva Pires	Lembá Ceremim	Itapetinga

Erú		Mata	Claudionor Silva Pires	Lembá Ceremim	Itapetinga
Boiadeiro		Campinas	Eudes Reginaldo	Kajá Lembaci	Itapetinga
Pena Branca		Mata	Eudes Reginaldo	Kajá Lembaci	Itapetinga
Pedra Preta		Matas	Gereuna Passos Santos	Lembamuxi	Salvador

Fonte: O próprio Autor e pesquisador 2020.

Os indígenas estranhando as atividades próprias à cultura dos colonizadores promoveram resistência de diversas ordens:

Os donos da terra resistiram bravamente aos colonizadores de várias formas: constantes guerras, fugas, mais especificamente, recusa ao regime de trabalho compulsório. Quando se tratou de escravizá-los para trabalhar na agricultura canavieira, mais tarde, nas áreas mineradoras, os índios também utilizaram estratégias de resistência, fugindo da escravização e, sobretudo, das doenças trazidas pelos brancos. Os indígenas foram submetidos ao trabalho escravo intenso, regular e obrigatório. Eles, culturalmente, não estavam habituados e, por isso, sofreram violência cultural e de epidemias infectocontagiosas, como sarampo, varíola e gripe, as quais mataram mais de 60 mil indígenas. (COSTA, 2018, p. 33).

Sendo assim, além da resistência houveram um demasiado massacre das populações indígenas, desde o Brasil Colônia. Na tabela a seguir, podemos constatar algumas divindades Inquices do Panteão Angola Tombenci que já se extinguiram ou raramente se encontra nos terreiros. Como pesquisador e adepto do Angola Tombenci, suponho que tais Inquices tenham se extinguido ou pouco se vê nos terreiros, devindo os antepassados não conseguirem sincretiza-los com os Orixás Yorubanos ou Santos Católicos.

Tabela 4- Descrição dos Inquices Angola Tombenci Extintos ou pouco cultuados

Inquices do Panteão Angola Tombenci	Natureza
Samba Kalunga	Mar
Kissimbi	Rio
Mutagingi	Mata
Luango	Fogo
Kaiango	Fogo
Kukueto	Mar
Bamburucema	Chuva/ vento
Agué	Mata
Insumbu	Terra
Tauamim	Mata
Roxi mucumbi	Estradas/Guerra

Fonte: O próprio Autor e pesquisador 2020

Na cultura bantu, os N’kisi, segundo MacGaffey (1986:80), eram “espíritos tutelares de vilas associados a água, tempestades, grutas e grandes pedras”. Explica Previtalli (2012, p. 11) que os N’kisi para os bantos constituíam espíritos titulares relacionados à família consanguínea. No Brasil, esses espíritos perderam a força que tinham na África, visto que o sujeito foi retirado de seu clã familiar e de sua terra. No processo de recriação dos sistemas religiosos vigentes na África, os inquices, agora considerados espíritos da natureza, tornaram-se salutare para a constituição das famílias de santo, que seriam, em medida, um novo arranjo social e espiritual que reconstituiria as famílias dissolvidas pela dinâmica escravista. Tratando-se da reelaboração de um sistema de crenças que fundamenta o candomblé angola, encontramos outras entidades espirituais ressignificadas e incorporadas a seu panteão mitológico em solo brasileiro. (HASSELMANN, 2019, p. 68).

Na próxima tabela encontramos outros encantados, seres divinizados que também compõe o Panteão Angola Tombenci que foram ressignificados em solo brasileiro.

Tabela 5- Descrição dos Encantados no Angola Tombenci

Encantado	Natureza
Marujo	Mar
Martin Pescador	Rio
Preto e Preta Velha	Calunga (Cemitério)
Exu Catiço e Pomba gira	Ruas, estradas, encruzilhadas, bares, esquinas...

Fonte: O próprio Autor e pesquisador 2020.

Sobre os Encatandos observamos que Segundo Hasselmann et.al (2019), em geral, se diferenciam em status aos inquices, visto que os primeiros se manifestam nos adeptos sem que eles tenham realizado a obrigação denominada de “kalakale’Nkisi, que corresponde à iniciação, à feitura de santo”. (BARCELLOS, 2011, p.114). Os rituais iniciáticos no candomblé angola dizem respeito ao preparo da muzenza com seu inquice particular, no entanto os encantados são importantes na vida cotidiana de seus adeptos.

O Candomblé Angola, antes mesmo de ser reconhecido por candomblé de nação, teve seu reconhecimento e identificação pelo culto aos caboclos e caboclas, ancestrais que foram reconhecidos pelos povos bantus em solo brasileiro como os verdadeiros donos destas terras, sendo os índios reconhecidos e cultuados como os caboclos de pena e os caboclos de couro conhecido como os boiadeiros. Por essa característica de culto aos caboclos o candomblé Angola, era conhecido por candomblé de caboclo. Porém outra característica e peculiaridade importante desta nação Angola, foi identificada pelo pesquisador Aguiar (2012), que cunha o termo “Candomblé do Sertão”:

Os candomblés do Sertão são fenômenos culturais essencialmente

sincréticos, suas sincretudes foram construídas a partir do encontro entre negros, índios e europeus no sertão, onde cada grupo étnico em diálogos com os ecossistemas específicos; com o cosmos, as atividades econômicas e os seus elementos de culturas religiosas, contribuíram cada um com o seu quinhão, ritualizaram os seus sotaques em linguagens, as emoções trançadas como se trança a esteira em que deita a Iaô e o chapéu de palha que cobre a cabeça do Preto Velho; como tiras de couro trançadas em laços, couros costurados em chapéu, jaleco, gibão, perneiras e as botas de seu Boiadeiro; como as rendas de bilros trançadas em babados que adornam o altar e enfeitam as saias de Oiá; as rezas, as garrafadas, as curas, zuelas e chulas, as danças, as comidas, as manhas os carinhos e dengos, o feitiço que encanta [...]. (AGUIAR, 2012, p. 2).

É nesse contexto de Candomblé do Sertão que o candomblé de Nação Angola cultua seus caboclos de Pena e seus caboclos de Couro. A seguir algumas fotos dos caboclos e das Mametos e Tatetos do Angola Tombenci. Abro um espaço para falar do Caboclo Boideiro, visto sua importância e dentre os caboclos é o que aos olhos deste pesquisador mais reflete a identidade sincrética do candomblé de Angola, pois quando incorporado sempre faz menção a Jesus, Maria e ao cálice e a hóstia consagrada.

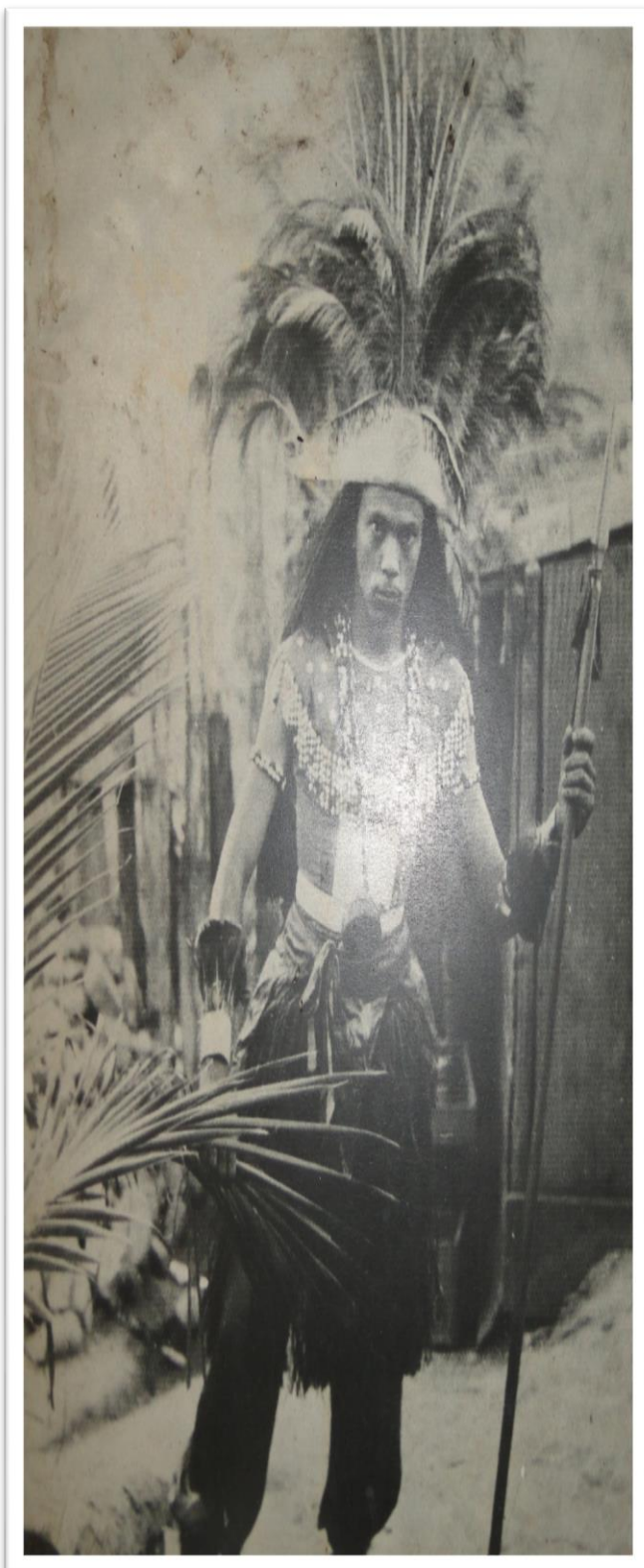
Francelino de Shapanan, assim se referiu aos Boiadeiros: “para a mina, os boiadeiros formam uma linhagem de caboclos, com maior presença nas casas de candomblé angola, onde se identificam como brasileiros e dizem ser originários da Hungria, talvez, como mostra Aguiar (1999, p. 20) seja “uma Hungria perdida na memória dos tempos”.

Cabocla Jupira



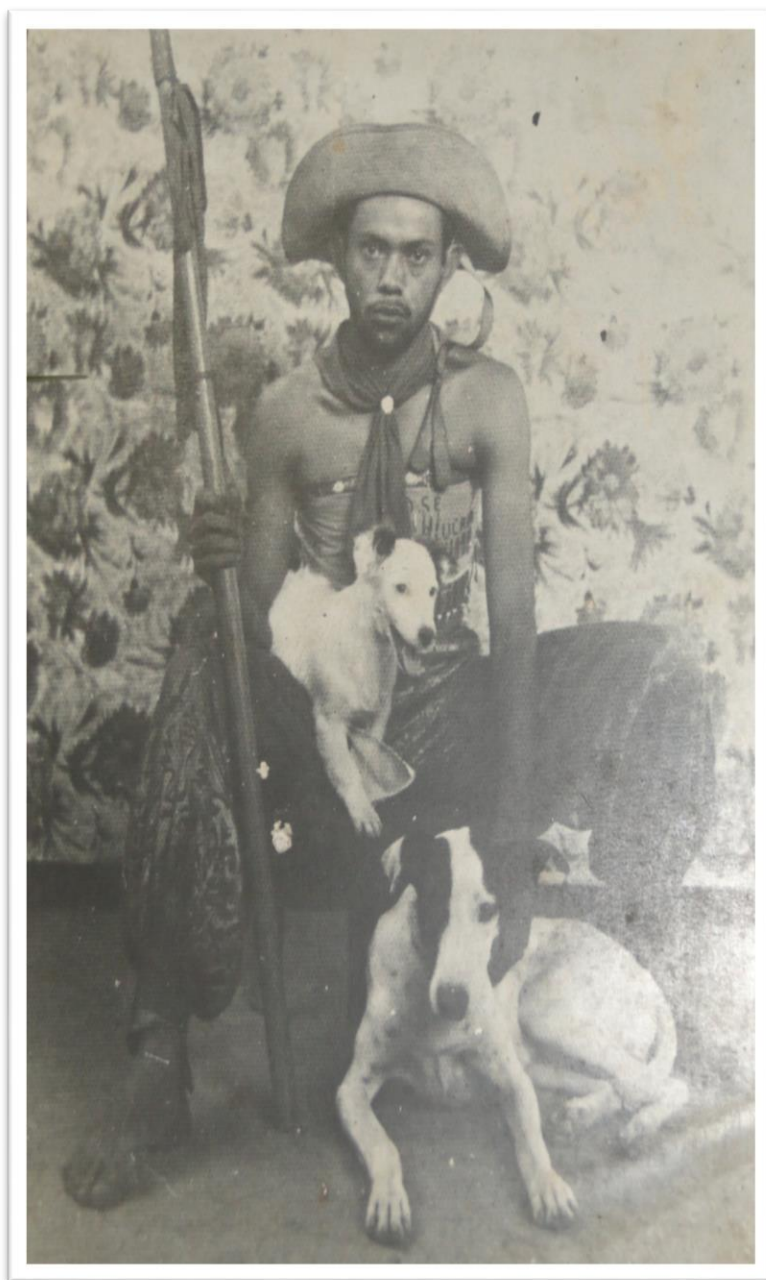
Fonte: Hilsa Rodrigues – Ilhéus-BA

Foto 2– Caboclo Andaraí



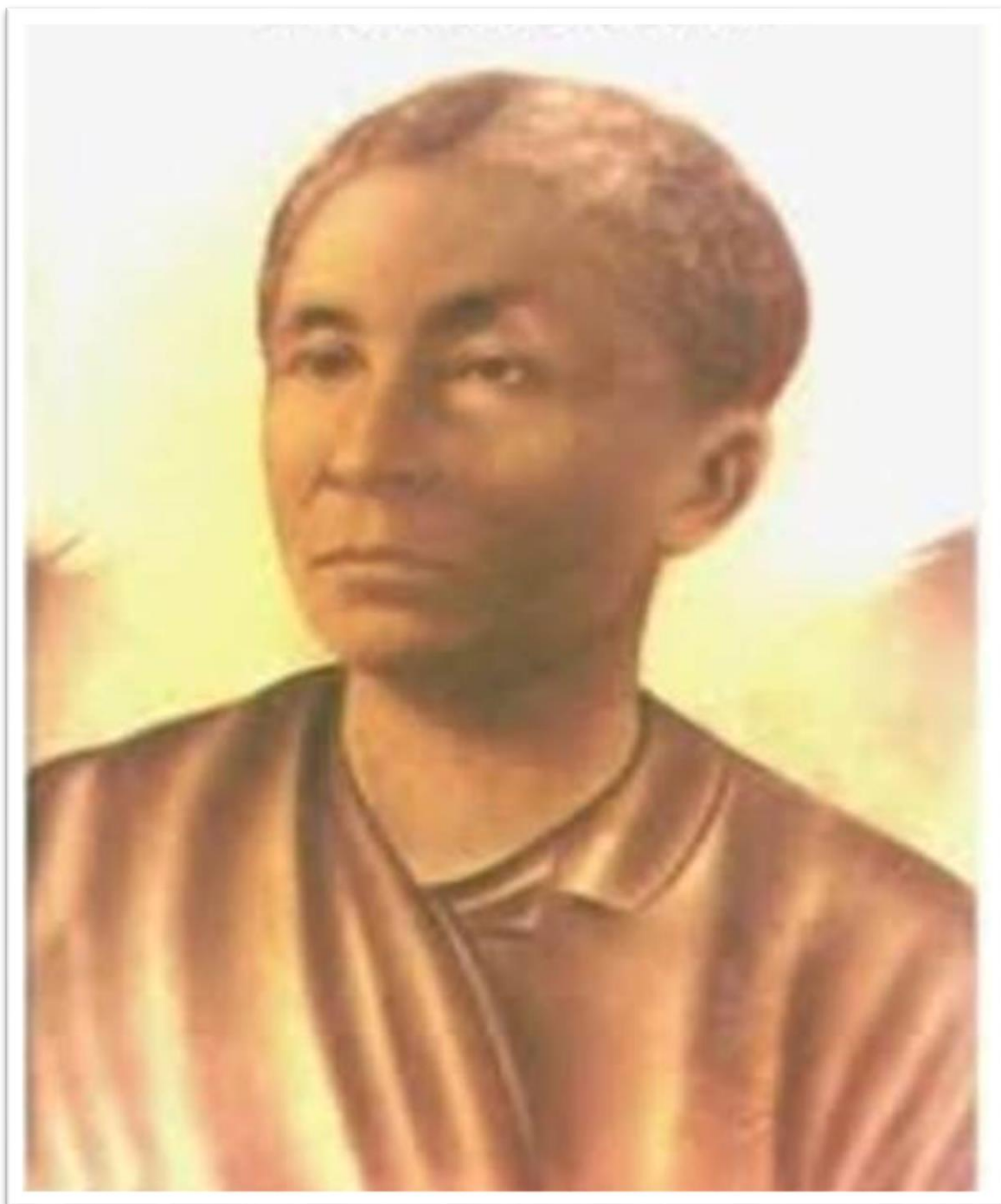
Nerisvaldo Lourenço da Silva - Itapetnga-Bahia.

Foto 3 – Caboclo Boiadeiro



Nerisvaldo Lourenço da Silva - Itapetnga-Bahia.

Foto 4 – Maria Genovena do Bonfim



Mameto Tuenda dia Zambi - Salvador-Bahia.

Foto 5 – Marcelina Plácida da Conceição e Cecília Plácida



Mameto Quizunguirá e Kota Cecílinha - Salvador-Bahia.

Foto 6 – Izabel Rodrigues Pereira



Mameto Bandanelunga - Ilhéus-Bahia.

Foto 7 – Sacafunã Nerisvaldo Lourenço da Silva entregue por Marcelina Plácida da Conceição



Mameto Quizunguirá e Tateto Katurazambi - Itapetnga-Bahia.

Foto 8 – Nerisvaldo Lourenço da Silva



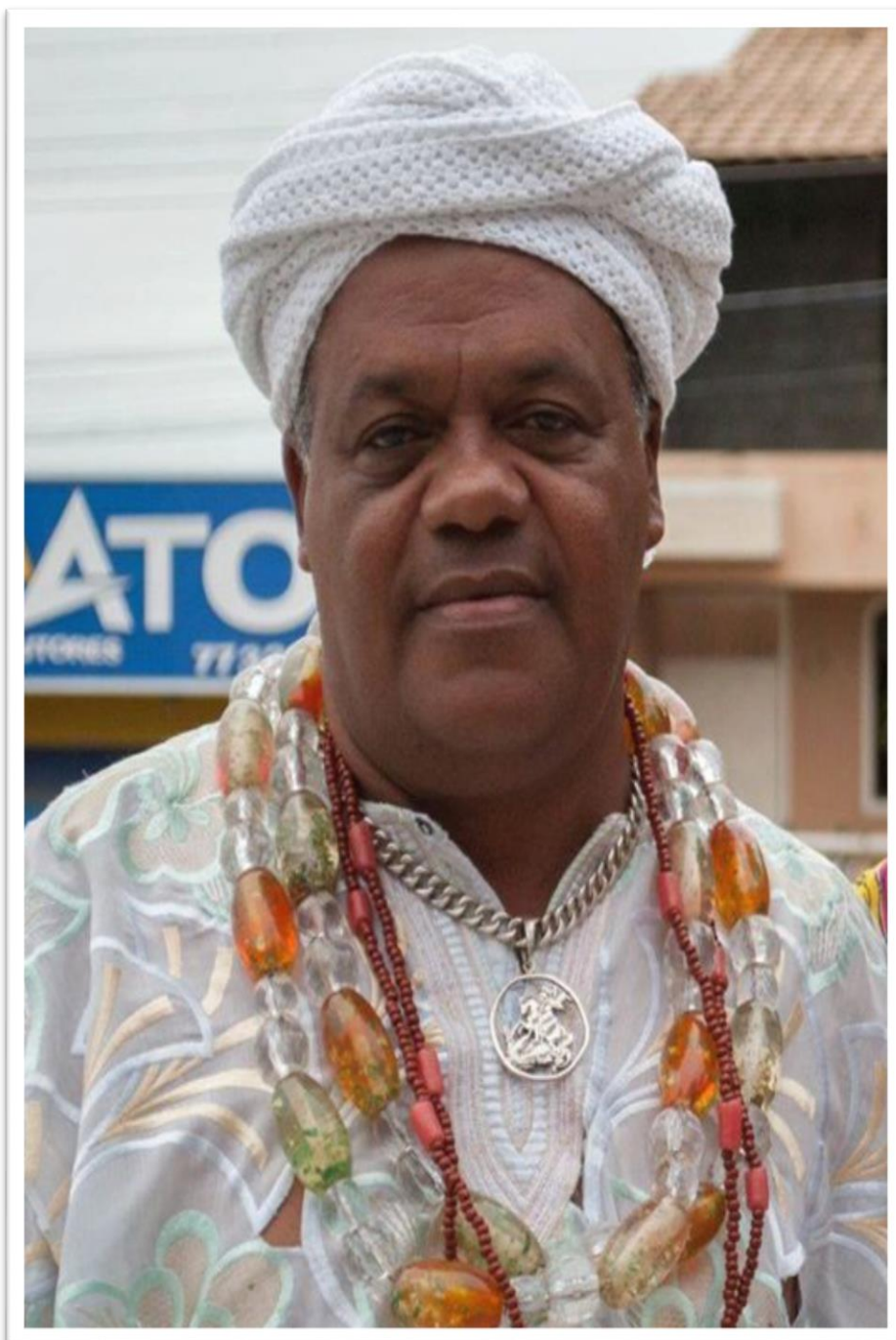
Tateto Katurazambi - Itapetnga-Bahia

Foto 9 – Maria Eliane Pereira da Silva



Mameto Tawanirê - Itapetnga-Bahia.

Foto 10 – Claudionor Silva Pires

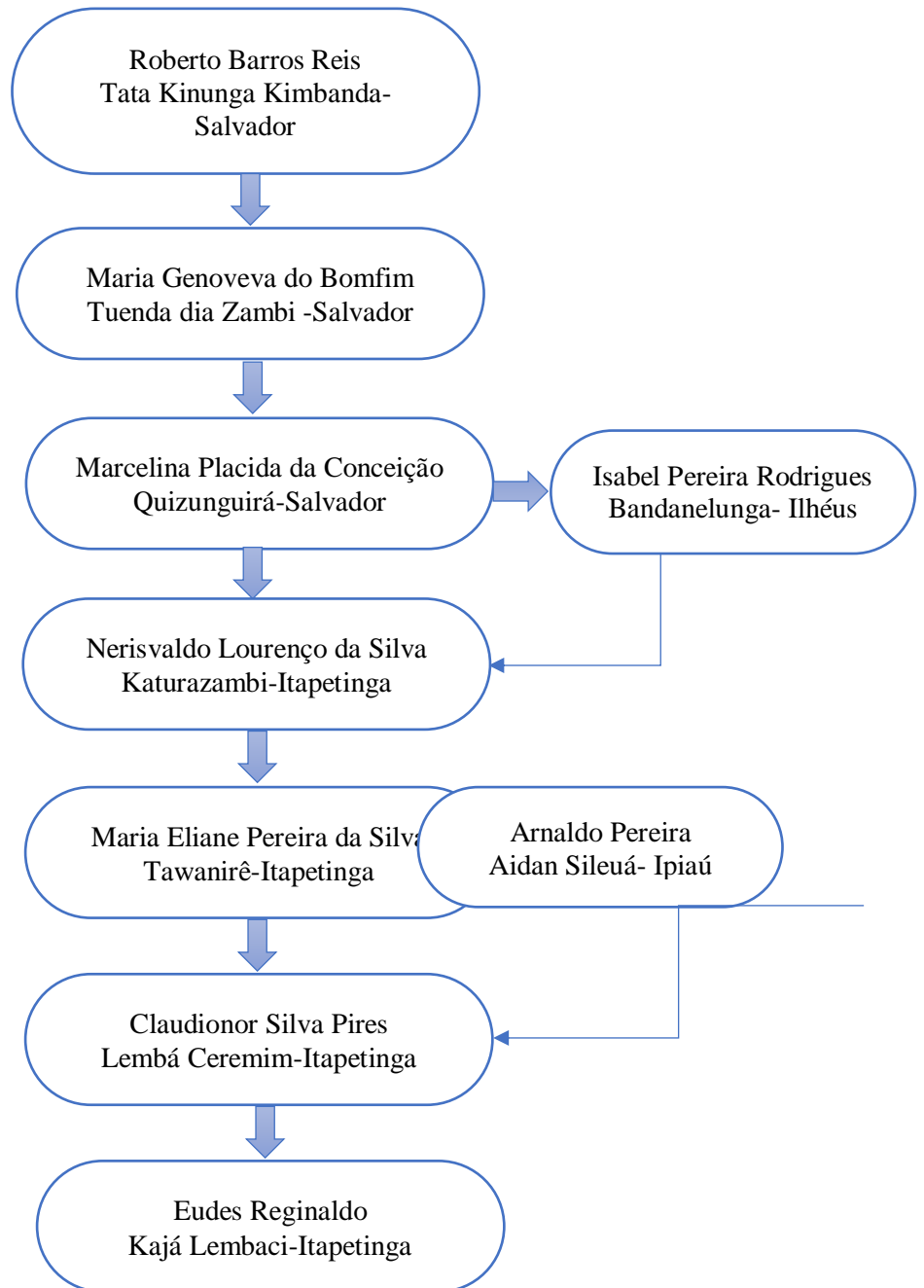


Tateto Lembá Ceremim - Itapetnga-Bahia.

Foto 11 – Caboclo Lage Grande
Claudionar Silva Pires- Itapetnga-Bahia.



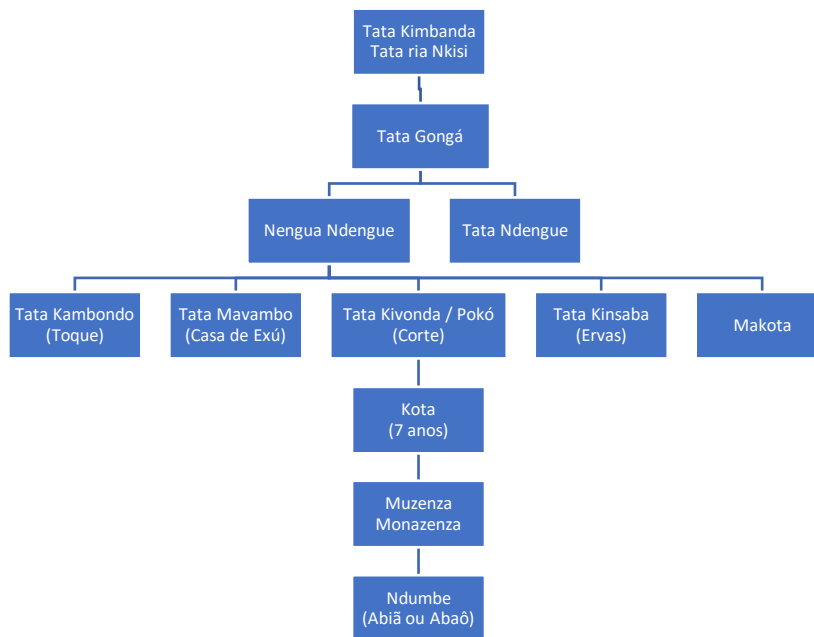
Organograma Angola Tombenci Salvador/Ilhéus/Itapetinga-Bahia. Souza, 2020.



3.2. Cargos e Hierarquia na base de uma Família de Santo

Em relação aos líderes de um terreiro com seus filhos e filhas espirituais, é que se organiza uma família de santo: O conceito de família biológica cede sempre o lugar ao outro, ao “de família de santo”. “Mãe de santo [ou mameto sendo mãe e sendo pai = Tateto] é assim entendida no seu valor semântico atual como autoridade máxima do grupo do candomblé a chefe da família de santo” (LIMA, 2003, p. 60).

Todo terreiro de candomblé, independente da nação, possui sua organização familiar, tendo como já mencionando a mameto ou Tateto como base dessa organização estrutural dentro do terreiro, seguindo hierarquicamente os cargos que apresento neste organograma, referindo-se aos terreiros de Angola;



Organograma dos Cargos de um Terreiro de Candomblé Angola.
Fonte: Souza, 2020.

Segundo Lima (2003), o início da vida religiosa no candomblé dar-se após os ritos iniciáticos, no qual o Azenza, ou no plural as Muzenzas, os novos iniciados farão parte da família de santo, serão inseridos na comunidade. Junto a essa inserção estão atrelados deveres, regras e toda uma estrutura organizada que deverá cumprir rigorosamente a sua ordem, quanto mais relacionado a hierarquia e aos cargos que cada membro ou novo iniciado recebe

dentro da sua comunidade religiosa.

Costa (2015), afirma que na Bahia houve uma redefinição da palavra “parente” para incluir todos da mesma etnia. O africano teria inventado o conceito de “parente de nação”. (REIS,1991 APUD COSTA, 2015, p. 104-105), devido à dificuldade que tinha de formar famílias. A “família-de-santo” dos candomblés viria a cumprir importantes funções e significações da família consanguínea, desmembrada pela escravidão.

O Tateto Kibanda ou Tateto ria Nkisi, é o cargo máximo dentro do Terreiro de candomblé de Angola, pois este é segundo a hierarquia, o representante da própria divindade, sendo no momento da incorporação ou transe, a própria divindade presente no meio humano para abençoar, orientar, conduzir.

O Tata Gongá, tem por finalidade cuidar, zelar pelo trono, também conhecido como Kutalo, é um cargo de sua responsabilidade, sendo ele o gongá tem a premissa de manter o equilíbrio e as funções em pleno funcionamento e harmonia.

Nengué Ndengue e o Tata Ndenge, ou seja o pai e a mãe pequena do terreiro de Candomblé Angola, compete aos mesmos na ausência física ou material. manter o terreiro em funcionamento, assim em uma cerimônia quando o Tateto ria Nkisi está incorporado é o pai ou a mãe pequena que deve conduzir a liturgia, bem como em caso de falecimento do Tateto é o Tata Ndenge ou a Nengué Ndenge que assumirá o posto provisoriamente.

Tata Kambondo, é o pai das Ingomas (Atabaques), sendo responsável em executar os cânticos e os toques rituais para chamar os Inquices, tendo a responsabilidade também em manter a ordem e a organização do terreiro.

Tata Mavambo, é o responsável em zelar pela casa dos Injilas (Exu).

Tata Kivonda ou Pokó, é o responsável em realizar a sacralização dos animais para as divindades do panteão Bantu.

Tata Kisamba/Jinsaba, é o pai das folhas, tendo por responsabilidade e função de conhecer no mínimo as folhas utilizadas nos principais rituais, tendo também a premissa de preparar os banhos e o manejo com as folhas utilizadas dentro do terreiro.

Makota, é a mãe responsável em cuidar, zelar do Inquice tanto quando está em terra, incorporado em seus filhos, bem como dos seus assentamentos sagrados.

Kota, é a mulher mais velha, aquela que já atingiu a primeira maioridade dentro do terreiro, tendo suas obrigações de 7 anos já completas, tendo por responsabilidade orientar

os mais novos e afazeres referentes ao preparo das comidas sagradas, pinturas corporais, etc.

Muzenza, é todo aquele que foi iniciado para a comunidade religiosa, porém existem as muzenzas que incorporam, que recebem os Inquices em seus corpos, sendo assim, os iniciados rodantes do candomblé Angola, equivalente ao Iaô da nação Ketu.

Ndumbe, é aquele ou aquela que ainda não passou pelos atos iniciatórios.

Os cargos aqui transcritos não alcança a dimensão e quantidade existente em outros terreiros, até mesmo da mesma nação, podendo haver outras nomenclaturas, mas ressalto que o núcleo da função sempre será similar.

Essas são as posições hierárquicas mais frequentes encontradas na casa de santo estruturadas [...]. Um estudo comparativo e linguístico orientado, revelaria mais claramente os padrões originais [...]. Os cargos ou postos [assim como a hierarquia] aqui referidos estão todos funcionalmente ligados à ideologia do grupo e ao equilíbrio de seus extratos. E o conhecimento das funções ou dos papéis que desempenham no grupo e os seus portadores, esclarece grandemente a norma das relações intragrupo nos candomblés. (LIMA, 2003, p. 100-101).

Como mencionado, a Kota é a mais velha após alcançar sua primeira maioria tendo completado suas obrigações. Segue, os nomes e a ordem das obrigações que todo iniciado deve passar para alcançar a sua maioria dentro da comunidade religiosa, referente a escrita, assim como com as demais palavras que não são do uso comum da nossa língua portuguesa, transcrevi da forma que é pronunciada, pois “a linguagem aparece não como competência linguística e sim competência simbólica”. (CASTRO, 2015, p. 25).

Kibane Mutuê ou Obori é dá “comida a cabeça”, rituais específicos para cultuar nossa primeira ancestralidade, nossa divindade que se encontra no mutuê (cabeça). **Kalakale Inquice**, feitura de santo, são o conjunto de atos iniciatórios para se tornar um muzenza. **Kituminu Moxi’nvu** é a obrigação de 1 ano, é a obrigação de confirmação de sua iniciação dentro da comunidade religiosa. **Kituminu Matatuinvu**, referente a obrigação de 3 anos, é a obrigação onde se reafirma seu compromisso com a divindade e com sua comunidade religiosa. **Kituminu Sambuadi’minvu**, a obrigação de 7 anos, na qual se completa o primeiro ciclo, atingindo a primeira maioria, sendo esse uma muzenza rodante, podendo receber seus direitos em exercer o sacerdócio, caso não seja rodante, este ao completar 7 anos, alcança um nível hierárquico equivalente ao de uma kota. **Kituminu Kumi Iéia’minvu**, é a obrigação de 14 anos, na qual se confirma o que foi recebido na obrigação de 7 anos, uma reafirmação do compromisso e da vida sacerdotal para com a

comunidade religiosa e os Inquices. **Kituminu Mukamolê Moxi'minvu**, é a obrigação de 21 anos, na qual além de confirmar os votos anteriores, se atinge a autoridade máxima e a idade adulta dentro da comunidade religiosa.]

Como já mencionado e afirma Lima (2003):

O rito da iniciação constitui o primeiro e decisivo momento de integração das pessoas no candomblé e estabelece uma relação permanente que é a própria essência da organização social do grupo. A iniciação, em suas várias formas, além dos aspectos psicológicos que envolve, por ser o meio pelo qual as pessoas se identificam com seus orixás [Inquices], provê, ainda, o mecanismo de agregação no grupo em que se poderá, eventualmente, atingir a completa participação nas hierarquias dirigentes. (LIMA, 2003, p, 069).

A seguir a tabela que apresenta a ordem de iniciação em um Barco de Muzenza e o seu correlato na nação Ketu:

Tabela 6: Ordem do Barco de Muzenzas –

Ordem	Nome em Angola	Nome em Ketu
1º	Muzenza-Kadianga	Dofono
2º	Muzenza-Kaiadi	Dofonitinho
3º	Muzenza-Katatu	Fomo
4º	Muzenza-Kauana	Fomotinho
5º	Muzenza-Katanu	Gamo
6º	Muzenza-Lusamanu	Gamotinho
7º	Muzenza-Kasambuadi	Vimo
8º	Muzenza-Kanaké	Vimotinho
9º	Muzenza-Kavua	Trimo
10º	Muzenza-Kakuinhi	Trimotinho

Fonte: Souza ,2020.

Assim, vejamos o que diz Lima (2003), sobre a palavra Barco e o processo de iniciação:

Decidida a iniciação plena, cabe ainda ao chefe do terreiro determinar a data do início da obrigação, que pode ser individual ou coletiva. A palavra obrigação, usada pelo povo de santo, define o compromisso, compulsório quase, a submissão á ordem dos santos. Essa fase da iniciação se caracteriza pela organização de um subgrupo composto dos noviços, que se chama de “barco”. O termo parece de origem fon, mas não deve ser traduzido, ou entendido, como sinônimo de embarcação ou navio, pela sua homofonia. (LIMA, 2003, P, 070).

Segundo Lima (2003), os barcos são importantes na estratificação dos

candomblés sendo considerável, pois é na própria ordenação ou sequência como transcrito na tabela (Ordem do barco de Muzenzas) para os ritos subsequentes da iniciação que começa a prevalecer o “princípio da senioridade”, tão importante na organização social dos candomblés.

Saída de Muzenza – Angola Tombenci. Fonte: Acervo Souza, 2018.



Mameto Mukalê a esquerda e Tateto Katurazambi a direita.

3.3 Língua de Santo os falares africanos nos terreiros de Angola

Muitas foram as contribuições introduzidas pelos africanos ancestrais, mesmo sendo trazidos na condição de escravizados, os

[...] africanos eram compelidos a se integrarem, de uma forma ou de outra, às terras às quais chegavam. Novas alianças eram feitas, novas identificações eram percebidas, novas identidades eram construídas sobre bases diversas: de aproximação étnica, religiosa, da esfera do trabalho, da moradia. Assim, reagrupamentos étnicos compuseram “nações”, pescadores e carregadores se organizaram em torno das atividades que exerciam, vizinhos consolidaram laços de compadrio e se juntaram cultuadores dos orixás, os que faziam oferendas aos antepassados e recebiam entidades sobrenaturais sob o toque de tambores. (SOUZA, 2002, p. 128).

Nesse contexto, organiza o Candomblé de Nação, e nele está preservado entre

outros elementos africanos, a língua de santo ou os falares africanos,

[...] nas Américas, essas construções resultaram da interação entre grupos de escravos pertencentes a etnias diversas, unidos pelos mecanismos do tráfico e pela escravização, e grupos de colonizadores europeus, detentores dos instrumentos de poder. (SOUZA, 2002, p. 126).

Segundo Barth (2011), são as diferenças que delimitam a construção de uma cultura. O olhar de um grupo sobre outro, detectando as diferenças, se torna fundamental para a construção das culturas e das suas diversas fronteiras. Os terreiros de candomblé, quando preservados galga uma forma de reafirmação, de pertença, uma marca da identidade africana que é acionada constantemente para reafirmar a africanidade em solo brasileiro.

[Os terreiros de candomblé] é uma sociedade, até certo ponto, autônoma que se julga possuir uma língua própria e particular, mas está encaixado num contexto mais amplo, a sociedade brasileira. Apesar de toda uma forte subjacência africana, o terreiro estabelece verdadeira interação linguística com a comunidade local. (PÓVOAS, 1989, p. 5).

Segundo Castro (2006), os povos Bantos, dentre todos os grupos linguísticos sub-saarianos foram os primeiros a despertar em pesquisadores a curiosidade para a pesquisa. Nesse grupo denominado Bantu de caráter homogêneo, porém amplo, há uma diversidade de línguas que na sua estrutura apresentam semelhanças entre si. “O termo banto (bantu, os homens, plural de muntu) foi proposto por W. Bleek, em 1862, na primeira gramática comparativa do banto.” (CASTRO, 2006, p. 25).

Ainda sobre os povos Banto e sua variedade linguística falada nos terreiros de candomblé Angola,

[...] o povo Banto ficou conhecido por denominações muito amplas, principalmente *congós e angolas*, que encerraram um sem número de etnias e línguas distribuídas entre os atuais territórios dos Congos e de Angola. É mais uma entre tantas outras dificuldades para precisar suas origens, ainda mais quando essa procedência é mencionada pelo nome do porto, da região de embarque ou do lugar de extração do cativo, tais como: - São Tomé, ilha situada abaixo do Golfo da Guiné, na costa atlântica dos Camarões e Gabão, foi um dos mais importantes entrepostos no tráfico e mercado de escravos para o Brasil; - MOLEMBO e CABINDA, de Cabinda; - LOANGO, reino costeiro do povo vili ou fiote, que era tributário do reino do Congo, situado ao norte do atual Congo-Brazzaville; - AMBRIZ, AMBRIZETE, norte de Luanda; - BENGUELA e MOÇÂMEDE, Costa sul de Angola; - AMBOIM e CAÇANJE, interior de Angola; - QUELIMANE, de Moçambique. Entre os bantos, destacaram-se pela superioridade numérica, duração e continuidade no tempo de

contato direto com o colonizador português, três povos litoraneos:
1. Bacongós, 2. Ambundo, 3. Ovimbundo. (CASTRO, 2006, p. 34).

Esses três povos influenciaram na formação do atual português falado no Brasil e, também, nas línguas de Santo dentro dos terreiros Angola/Kongos.

Tabela 7 - Descrição da Língua de Santo usadas nos Terreiros de Angola

Palavra	Significado	Sentido
Mona	Filho(a)	Filho(a) de Santo
Amazo	Água	Água para beber ou ritual
Matembi	Café	Bebida de teor não alcoólico
Gudiá	Comer	Se alimentar
Kizomba	Festa	Encontro para celebração
Makó	Sequência de palmas	Saudação aos Inquices
Banda gira	Licença	Solicitar sair do local
Dilonga	Caneca	Copo

Tabela 8- Descrição das Plantas (Jinsabas) utilizadas no Angola Tombenci

Planta(Jinsabas)	Uso Ritual	Uso Medicinal
Aroeira	Banho	Inflamação na garganta
Folha da Fortuna	Banho e Ritos iniciatórios	-
Quarana Preta	Descarrego	-
Cordão de São Francisco	Descarrego	-
Água da Colônia	Banho	Calmante
Tioiô	Banho	Tosse
Para-raio	Banhos	Dores de Estômago

Fonte: O próprio Autor e pesquisador 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Oh meu Tombenci, terreiro de glória, quem encosta nele, só tem a vitória;
Oh meu Tombenci, oh meu Tombença, quem encosta nele, Zambi há de
ajudar.”*

Cântico de exaltação ao Tombenci

A memória da África traz a diversidade dos elementos culturais que a envolve, seria um equívoco negá-la e, provavelmente, provocaria danos à compreensão da identidade brasileira. Isto significa que foi a partir dos contatos entre as etnias que foram formando essa identidade. Como o poder estava centrado na mão do homem branco e cristão, o pensamento foi colonizado.

Atualmente, uma das lutas que se apresenta é romper com o silêncio, com o esquecimento dos povos ancestrais e originários. Nesse sentido, essa luta constante que tem possibilitado está agora estudando e também participando do Terreiro Angola Tombenci de Itapetinga e do Terreiro Angola Tombenci de Ilheus-Bahia.

E foi nesses dois terreiros que pude observar os saberes e fazeres do cotidiano, entre seus adeptos. Foi nesses dois terreiros que pude compreender e apresentaa as práticas religiosas e sociais. Na cosmologia que promove a interação que ocorre nos terreiros entre os seus adeptos, a natureza dos rituais e a memória dos ancestrais, que fornece dados suficientes para perceber um cenário inteiramente desfavorável no Brasil para a prática de religião que fuja do modelo europeu.

O processo de dominação trouxe a demonização aliada ao discurso que classificavam os indivíduos como inferiores por pertencerem à determinados grupos etnicos. Porém as pesquisas que geram conhecimento e informações, aliado aos movimentos de combate ao racismo religioso aos poucos começam a promover mudanças nas mentalidades das cidades em relação aos ritos dos Candomblés. Mesmo que continue sendo visto como algo “ruim”, que somente traz a miséria humana, aos poucos se começa a romper o preconceito e a discriminação, pelo menos foi isto que percebi quando estava frequentando os dois terreiros para a investigação

Em suma, foi constatado que em ambos os terreiros, existem práticas sincreticas, fazendo com que os sujeitos vivam elementos de diversas culturas, não sendo empecilho ou barreira está dentro do Candomblé Angola Tombenci e saudar Ogum uma divindade do panteão Yorubano, como realizar a trezena de Santo Antônio no mês de Junho e muito menos

de incorporar caboclos de pena ou de couro. Estes afrobrasileiros não se consideram menos candomblecistas por seguirem, nas suas práticas religiosas assimilações de cultos ou de crenças de outros grupos étnicos, religiosos. Os candomblecistas estão pelenos de influências de outras etnias africanas, confirmando o aforisma “a nossa pureza e a nossa mistura”.

• TAMBOR, O SENHOR DA ALEGRIA.

Os mais velhos dizem que um dia, cansado da solidão do poder
Zambiapungo, o Ser Supremo dos cultos angolo-congoleses
Foi tomado pela tristeza e cogitou desistir da criação do mundo
Os inquices, seus filhos, resolveram alegrá-lo para que a criação não fosse interrompida
Katendê, o Senhor da medicina da floresta, macerou as folhas e preparou um banho para refrescar
Zâmbi
Zaratempo criou as estações do ano
O calor do verão, os dias amenos do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera
Matamba, a dona do balé espantoso dos relâmpagos, foi a próxima a tentar alegrar o Pai maior
Vunji trouxe as crianças, que começaram a dar cambalhotas e subir nas árvores
Angorô inventou o arco-íris depois da chuvarada
Gongobira coloriu os rios com peixes coloridos
Dandalunda mostrou a força das cachoeiras
Mutalambô caçou um pássaro gigante com a sua destreza de flecheiro
Nkosi forjou ferramentas diversas
Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos
Zâmbi agradeceu o esforço dos inquices, mas continuou triste
Finalmente restava Zazi, o Senhor do fogo
Saberia ele de alguma coisa que pudesse acabar com o banzo do Pai?
Zazi consultou o oráculo para saber como alegrar Zâmbi
Seguindo as ordens do adivinho, sacrificou um bode branco
Retirou a pele do bicho e repartiu a carne entre os inquices
Em seguida, usou o fogo para tornar oco o pedaço de um tronco seco da floresta
Sobre uma das extremidades do tronco, Zazi esticou o couro do animal e inventou
Ngoma – O primeiro tambor
Zazi começou a percutir o couro com toda a força e destreza
Aluvaiaá, aquele que os iorubás conheciam como Exu
E os fons como Legbá
Gingou ao som do tambor de Zazi
Em seguida, todos os deuses do Congo
Ao batuque sincopado do Ngoma
Fizeram a primeira festa na manhã do mundo
Zambiapungo alegrou-se com o fuzuê
E deu a Zazi o título de Xicarangomo
Expressão oriunda do Quicongo Nsika + Ngoma = O tocador de tambor
E anunciou que a criação não iria parar
Que viessem crianças, mulheres e homens para escutar Ngoma
Cantar, dançar e alegrar a vida
É por isso que os bacongos dizem que Ngoma
O tambor, será o pai de todos os que transgridam a dor em desafios de festa e liberdade
Sua benção, Ngoma, nosso pai tambor!
Nós estamos no mundo para celebrá-lo!

Fonte: **Musixmatch**

Compositores: **Marcelo Maldonado Peixoto / Luiz Antonio Simas**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. *AS RELIGIÕES AFROBRASILEIRA EM VITÓRIA DACONQUISTA: caminhos da diversidade*. São Pulo: (Dissertação de Mestrado) PUC-SP, 1999.

AGUIAR, Itamar de Pereira. SIQUEIRA, Nathalia Rocha. NASCIMENTO, Washington Santos. *VOZES DA SANZALA: SIMBOLOGIAS KIMBUNDU E TRÂNSITOS RELIGIOSOS EM ANGOLA E NO BRASIL*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, nº 06, out.– mar. 2016.

AMIM, Valéria. *Águas de Angola em Ilhéus: um estudo sobre construções indenitárias no Candomblé do Sul da Bahia*. Tese de Doutorado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia, 2009, 303 p.

BRAGA, Júlio Santana de. *A diversidade Compartilhada geradora da religião afro-brasileira*. Poções BA: I Congresso das Religiões dematriz Afro, Indígenas, Brasileira: Situação do Povo de Santo nas comunidades do interior (digitada), 2013.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações* (2ª Ed.). São Paulo: Pioneira, 1985.

_____, R. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRUNEAU, Thomas C. *O Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. pp. 31-32.

CANCELA, Francisco. *A presença de não-índios nas vilas de índios de porto seguro: relações Interétnicas, territórios multiculturais e reconfiguração de identidade – reflexões iniciais*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v.1, nº 1, p. 42-61, jul./dez. 2007.

CARDOSO, de Oliveira, Roberto. *Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006. 258 p.

CARNEIRO, Edson. *Os cultos de origem africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.

_____, Edson. *Candomblés da Bahia*. Riode Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *FALARES AFRICANOS NA BAHISA: Um vocabulário Afro-Brasileiro*. Riode Janeiro: Topbooks, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais* – São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, Hildete Santos Pita. *TERREIRO TUMBENCI: UM PATRIMÔNIO AFROBRASILEIRO EM MUSEU DIGITAL*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC). Salvador. 2018.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. In: *Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível*. Revista de Cultura e política, CEDEC, V.1, São Paulo, 1979. p. 311 a 372.

EDUARDO, José, MANZINI. *ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS*: Depto. De Educação Especial, Programa de Pós-Graduação em Educação, Unesp, Marília Apoio: CNPq.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA Maria Cecilia Cortez Christiano de. *Identidade Negra entre exclusão e liberdade*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº 63. abr. 2016 (p.103-120).

FERRETTI, Sérgio. *Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistencia Cultural*. IN: CAROSO, Carlos & BRCELA, Jeferson (Orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, praticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Riode Janeiro: Pallas; Salvador, BA:CEAO, 1999. pp.113–130.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro – RJ: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOLDMAN, Marcio & Ossowicki, T. Martin. *ETHNICITY*. (In: Roland Robertson & Jan Aart Scholte (eds.). *New Encyclopedia of Globalization*. The Moschovitis Group, New York).

LODY, Raul. *Opovo de santo: religião e cultura dos orixás, voduns, inquices e*

caboclos. Raul Lody. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. (Raizes).

LOPES, Ynae Santos. Questões étnico raciais: Período Colonial. FGV. CPDOC. Escola de Ciências Sociais. 2016.

MACHADO, Igor José de Renó. *Maquinários diferentes, objetificação e aceleração*.

PARÉS, LUIS NICOLAU. *A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia*.—2ªEd.rev.—Campinas,SP:EditoradaUnicamp,2007.

MATTOS, CLG. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. In Mattos, CLG., and CASTRO, PA., (orgs.). *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, pp.49-83.

MOREIRA, Jussara Tânia Silva. *A IGREJA E A PRAÇA: Os Batistas da Cidade de Itapetinga-Bahia (1938-2013)*. Tese (doutorado em ciências sociais)- programa de estudos pós-graduados em ciências sociais, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, Orientadora: Dr. Marisa Do Espírito Santo Borin. PUC/SP. 2016, p.302.

MUKALE, Hilza, 1934. *Do lado do tempo: o terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilhéus, Bahia)*. Hilsa Mukale; Marcio Goldman. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Florido. *OLHARES SOBRE O SCANDOMBLÉS NA ENCRUZILHADA: SINCRETISMO, PUREZA E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE*. Revista Calundu-vol.1, nº. 1, jan-jun, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. *História da África e dos africanos na escola: desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade étnica, identificação e manipulação*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

_____. Os Candomblés do Sertão. Rio de Janeiro: Educação Gestão e Sociedade, Revista da Faculdade Eça de Queiroz, ISSN 2179-9636, Ano 2, número 5, março de 2012. www.faceq.edu.br.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. *Caminhos de ir e vir e caminhos sem volta: Índios, estradas e rios no sul da Bahia*. 1982, p.p. 102/3/4.

PARÉS, LUIS NICOLAU. *A Formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jejena Bahia*.—2ª Ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PIERUCCI. Antônio. F.; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

KEMET. Escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e lei 10.639/03/ Katiúscia Ribeiro Pontes. 2017. 93f.; enc.

RAMOS, Artur. *O negro brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Graphia, 2001.

SODRÉ, Muniz, *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 2009.

VIANA, de Fátima, C. (2007). Candomblé: Onde os deuses dançam a sua humanidade. *Goiânia*, 5(2), 513-518.

CONSULTA E MORGÃOS E SITIOS

IBGE, **idades brasileiras**. Disponível em: www.ibge.gov.br/brasil/ba/itapetinga. Acessado em: 14/04/2018.

IBGE. **Cidades// Itapetinga**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua -PNAD Contínua. /2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 04 de maio de 2018.

IBGE. **Cidades// Itapetinga**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua./2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 04 de maio de 2019.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em 15 de janeiro de 2018.

SOUZA, R.G. *Os Negros no Brasil Colonial*; Mundo Educação/Terra; 2014. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/historiadorbrasil/o-negro-1.htm>. Acessado em 17/08/2014.

SPINOLA, Noelio Dantaslé. A influência Africana na Economia Cultural Baiana. [23/2012. *Varia e Recensões*](https://doi.org/10.4000/cea.519). p. 53-83. <https://doi.org/10.4000/cea.519>.

<https://vermelho.org.br/2014/05/23/do-calundu-ao-candomble/>. Acessado em:

28/03/2020.

<http://inzotumbansi.org/home/as-familias-de-santo-no-candomble-de-congo-angola/>.

Acessado em: 28/03/2020.

<http://ilabantu.inzotumbansi.org/criacao-do-mundo-segundo-a-tradicao-bantu/criação> domundo segundo os bantu, Acessado em 28/03/2020.

ERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: Estudos sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

HASSELMANN, Janaína Gonçalves. *A prece da África nas matas de cá: a pureza versus o panteão mitológico do candomblé angola sob a perspectiva do Nzo Nkise Nzazi*. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 11, n. 21, Jul./Dez. 2019 – ISSN - 2177-4129 periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria.

COELHO, filho Luiz Walter. *A Capitania de São Jorge e a década do açúcar (1541-1550)*. Salvador: Vila Velha, 2000. 200p.

NUNES, Erivaldo Sales. HISTÓRIA E MEMÓRIA DO CANDOMBLÉ BATE FOLHA EM SALVADOR/BA (1916-1966): PERCURSOS METODOLÓGICOS. **XXVII SIMPÓSIO ANPUH** - Simpósio Temático 080: História e representações religiosas – memória, identidades e território, 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais>. Acessado em 01 de julho de 2020.

BARCELLOS, Mario Cesar. *Jamberussu: cantigas de Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

PÓVOAS, R. C. *A linguagem do candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
LUCIANO NEVES SOUZA**

**MAPEAMENTO DAS CASAS DE RELIGIÃO E CULTURA DE MATRIZ
AFRICANA DA CIDADE DE ITAPETINGA- BA: INVISIBILIDADE E
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.**

ITAPETINGA, 2014

"Cr. \$ 2.000,00"

Recibo da Sra. Maria Franca do Bandim
a quantia de cr. \$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) por con-
ta do preço de cr. \$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros)
por quanto lhe venderei uma área de terreno no sítio
"Perú" Zona de Santo Antônio, desta cidade, com a
Área de 6^h e 90^a , limitando esta área com José Pa-
drigues Lampaio, Elpidio Pereira Nepomuceno Nicente
Borges Alves, e com a Engomadeira Grande, do municí-
pio desta Capital, e com terras do vendedor, devendo
efetuar-se a transação logo que pago o restante do
preço acima estipulado.

Selado com o nº 1.40

Paulista, 14 de Maio de 1945
José de Souza Lima



ANEXO 3 / Bloco Afro Cordão de Nerisvaldo – Itapetinga– Bahia. (1980)



ANEXO 4 / Bloco Afro Cordão de Nerisvaldo / Angola na Ultima Hora –



O Bloco Afro cordão de Nerisvado e Angola na Ultima Hora eram grupos e manifestações artísticas, culturais de matriz africana, organizada no periodo do Micareta (festa de carnaval), que acontecia nas decadas de 80 e 90 na cidade de Itapetinga-Bahia, os blocos era organizado por Nerisvaldo Lourenço da Silva, conhecido religiosamente por Katurazambi.

ANEXO 5 / Transcrição da composição do 1ª Barco do Terreiro de Santa Luzia Tombenci Filho fé e Razão – Salvador– Bahia. (1940)

